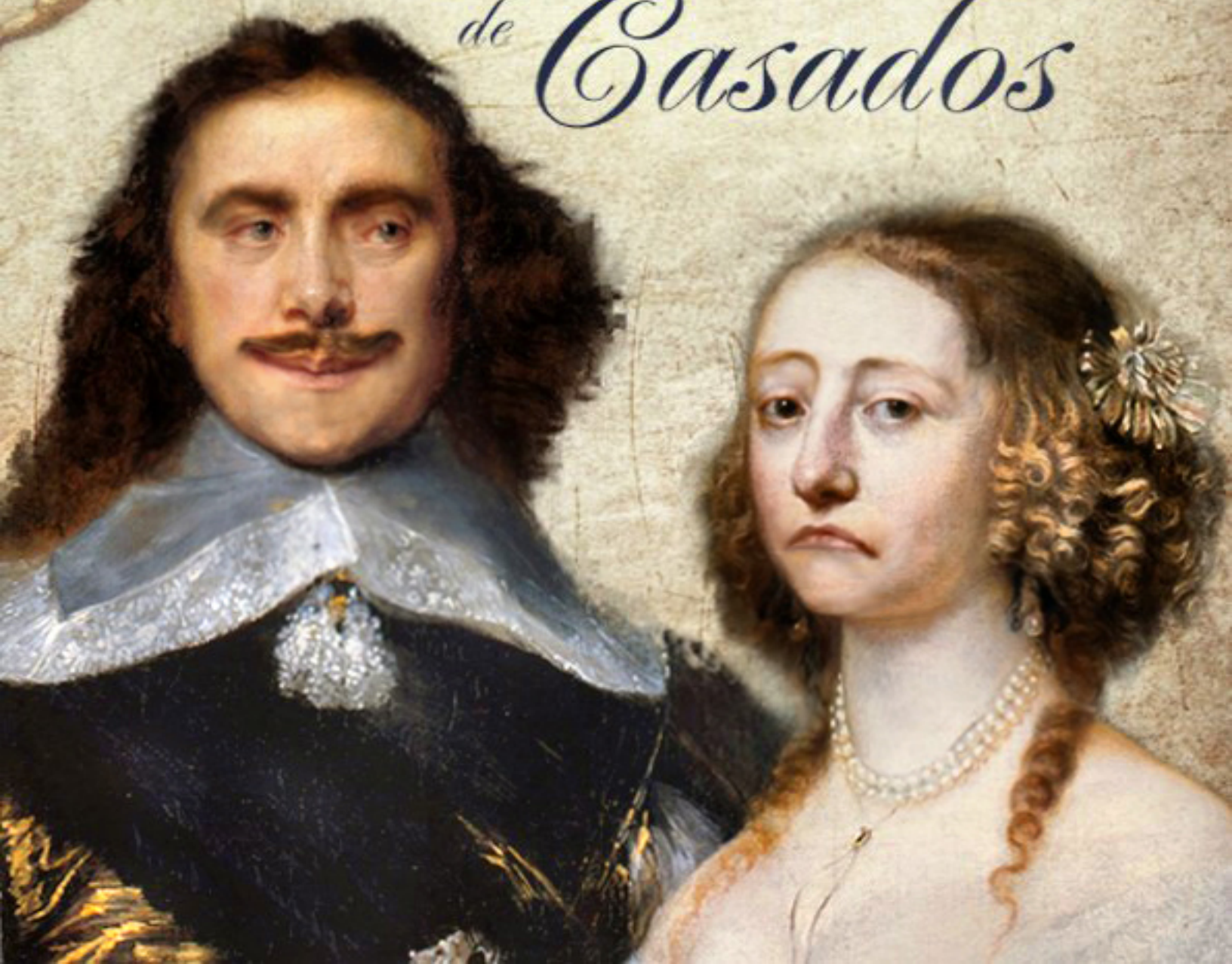
Francisco Manuel de Melo
Carta
de
Guia
de
Casados

CARTA DE GUIA DE CASADOS

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

NOTA SOBRE A OBRA E O AUTOR

Escrita em 1650, por D. Francisco Manuel de Melo - fidalgo, escritor, político e herói militar português - a obra "Carta de Guia de Casados" apresenta-se sobretudo um texto de auto ajuda, cheia de conselhos práticos para o quotidiano de um casal do século XVII recém casado, e que versa temas tão diversos como o governo económico da casa, até ao relacionamento com os criados. Mas é sobretudo nas sugestões em relação do trato que o homem deve ter para com a esposa que tornaram a obra famosa e controversa e objeto de debate ao longo de vários séculos.

Vista hoje em dia como uma obra cheia de pontos de vista grotescos/cómicos, no seu contexto histórico ela oferece-nos um fresco da mentalidade da época, fundamentado na moral cristã da altura que atribuía à mulher uma função subalterna à do marido, cuja liberdade geográfica se devia limitar às quatro paredes da casa.

Para D. Francisco Manuel de Melo, as mulheres, mais do que companheiras, eram sobretudo propriedade pessoal do marido e devido à sua condição "frágil" tanto deviam ser protegidas a todo o custo, como ser "educadas" e "corrigidas" das suas frivolidades e inconstâncias. Deviam ser também preferencialmente incultas pois disso dependia muito a felicidade

do casamento. Há inclusive um ditado português antigo que foi retirado diretamente desta obra e que espelha bem esse ponto de vista: "*Que Deus me guarde de mula que faz «him» e de mulher que sabe latim*".

Escrito originalmente, não com o intuito de ser publicado, mas sob a forma de carta (dirigida um amigo anónimo de D. Francisco Manuel de Melo que se ia casar e que lhe pedira conselhos matrimoniais) o texto epistolar, escrito de uma assentada e em centenas de páginas, para além do seu pendor moralizante, tem a particularidade de estar cheio de ilustrações anedóticas e passagens maliciosas, o que torna o conteúdo tão chocante na sua posição de intenção pedagoga, como hilariante.

Não à parte disso, há também toda a ironia do historial do autor e da redação do texto que eleva a obra a patamares do ridículo:

Primeiro, D. Francisco de Melo não era casado nem tinha qualquer experiência no tipo de relações matrimoniais das quais ele disserta com pretensões de sabedoria.

Segundo, quando escreveu o texto, apesar de fazer imensos levantamentos morais de virtuosidade, o próprio encontrava-se na prisão (pela segunda vez) por ter sido acusado de ter tido uma relação com a esposa do Conde de Vilanova de Portimão.

De facto D. Francisco de Melo era conhecido pela sua personalidade de galã e sedutor, inclusive de mulheres casadas. Presume-se inclusive que tenha sido a sua fama de ser um "conhecedor de mulheres" que tenha levado o seu amigo (a quem a carta é dirigida) a pedir-lhe conselhos sobre relacionamentos.

Não se sabe é se a resposta de D. Francisco de Melo que defende a vigilância e controle da esposa chegou a ser de utilidade ou a contentar o seu amigo.

Para além de uma atualização ortográfica, a presente edição foi alvo de uma adaptação linguística corrente, nomeadamente em passagens em que se verificou que a linguagem usada no século XVII dificultava, em grande escala, a leitura da obra; apesar de se ter tido o cuidado de preservar o estilo literário do manuscrito original.

Esta edição também não se encontra na sua versão integral uma vez que foram subtraídas passagem que se considerou serem de pouco interesse para o conteúdo geral da obra e que tornavam a leitura monótona e cansativa.

Todo esse trabalho de adaptação foi realizado pela equipa do Luso Livros.

INTRODUÇÃO

Aos leitores desta Carta,

D. Francisco, autor deste texto, sendo sido rogado por um seu grande amigo que pretendia casar-se, para que lhe desse alguns bons conselhos e avisos acerca desse estado, escreveu este discurso (como ele mesmo afirma) sem artifícios; que é boa qualidade para dar crédito ao que se aconselha.

Foi seu intuito persuadir aos casados à paz e à concórdia com que devem ordenar a sua vida; encomendar a estimação das mulheres próprias; inculcar os bens por onde o amor se conserva, e se aumenta a opinião.

Este livro, correndo manuscrito, quis ser de algumas pessoas caluniado como severo contra a liberdade das mulheres; e foi esta a principal razão de se comunicar agora a todos, para que se veja a pouca justificação que o livro deu ao juízo que dele se tinha feito. O que bem se pode conhecer conferindo a sua doutrina com o que escrevem todos os que tratarão esta matéria.

E se porventura disser alguém que o entendimento dos homens espelha-se aqui apaixonado pela sua jurisdição; veja-se aquele excelente Tratado que escreveu da "Nobreza Virtuosa", a Condessa de Aranda Dona Luísa Maria de Padilha; que logo se achará que nem por ser escrito por mulher se subornou da fragilidade da sua condição, para que deixasse de assentar ás mulheres com toda a aspereza os preceitos necessários.

A natureza mostra, e confirma-o a experiência que as mezinhas de uso mais dificultoso são aquelas da virtude a mais eficaz. A arte a que os médicos chamam Precautória sem dúvida é molesta, se se olha a quanto obriga; mas se ao muito de que preserva, sem duvida é suavíssima. O ânimo de D. Francisco bem prova que não quis induzir a novas preocupações e desconfianças, mas antes mostrar os caminhos para sair deles, e fugir delas.

O próprio diz, no presente, que é o primeiro dos seus livros em portugueses, e que bem mostra não ser menos digno de louvor pela propriedade com que escreve a sua língua, que pela elegância com que nas passadas obras mostrou haver feito sua a língua Castelhana. Seguirão mais em português, que fico preparando enquanto gastardes o tempo em castigar ou estimar este, que a todos serve e a todos ofereço.

O Editor.

No meio estou, senhor N., daquelas duas coisas mais poderosas com que lidam os homens: o Amor, e a Obediência. Amo a vossa senhoria e vossa senhoria pede-me algo. E tenha conta que me pede uma coisa muito difícil. Mas a Obediência, e o Amor, que já fizeram impossíveis, não se negarão hoje a vencer dificuldades.

Diz-me vossa senhoria que se vai casar e quer que eu lhe dê, para se governar neste seu novo estado, alguns bons conselhos. Esta é uma das coisas de que eu penso que falta mais a quem a peça, do que a quem a dê.

Pois por certo que aquele que deseja bons conselhos, já parece que deles não necessita; porque é tão grande prudência pedir conselho, que o homem que o sabe pedir, creio que nenhum lhe fará falta.

O primeiro que aconselharei a vossa senhoria será que se não fie em nada só do meu voto; pois saiba que em mim havendo vontade para o bem servir, pode ser que nem por isso haja entendimento para o bem aconselhar; porque entendimento, e vontade ainda se juntam menos vezes que a honra,

e o proveito: e ela mesmo sendo potência poderosa, nem sempre guia ao acerto, se lhe faltam olhos de suficiência.

Grandes coisas deixou escrito a antiguidade, para advertência dos casados. Muitas são, e graves são; a que também os modernos acrescentarão outras, ou nos puseram em outras palavras as antigas.

Mas aqui entre nós, senhor N., nos havemos de entender ambos em práticas como as do lar, em cujo abrigo, nestas longas noites de Janeiro, vou escrevendo a vossa senhoria estas regras, em estilo alegre, e fácil, conforme o estado e a idade de vossa senhoria, tão diversos do meu humor, e da minha fortuna.

Darão licença os Sénecas, Aristóteles, Plutarcos, e Plantones; nem ficaremos mal com as Pórcias, Cassandras, Zenóbias, e Lucrécias; todos tão desenrolados nessas doutrinas; porque sem os ditos deles, e sem os feitos delas, espero, e nos faça Deus mercê, de que atinemos com o que vossa senhoria deseja ouvir, e eu procuro dizer-lhe.

Não sou já mancebo.(*) Criei-me em cortes palacianas; andei por esse mundo; observava as coisas e guardava-as na memória.

[(*) mancebo = jovem. O autor tinha na altura 43 anos.]

Vi, li, ouvi. Estes serão os textos, estes os livros, que citarei a vossa senhoria neste papel; de onde junta-se algumas histórias, que me for lembrando; pode muito bem ser que não sejam agora menos úteis, que essa máquina de Gregos, e Romanos, a que chamamos sábios, que para cada coisa nos trazem lágrimas, mas que ás vezes nos enfastiam.

Ora, sabemos que qualquer mudança causa estranheza. Mudar de uma casa para outra é de, alguma maneira, esquivo. Presume-se pois que não se muda de vida sem se sentir algum receio.

Para que não se perca, imagine vossa senhoria que para esse estado nasceu, e o criaram os seus pais. Este foi o que vossa senhoria sabia que o estava à espera. Mas o atual é-lhe próprio, o outro alheio. No entanto, que ninguém se queixe de ter chegado ao fim do seu caminho.

Considere que aqui não padece, de nenhum modo, a sua liberdade: antes, tal como aquele que sobe açodado por uma escada íngreme, quantos mais são os degraus, mais se deseja achar um mainel(*) em que descanse; assim também, subindo o homem pela escada da vida, quantos mais são os anos, quanto mais soltamente os vai vivendo, tanto lhe é mais necessário o repouso de um honrado casamento; que já por essa razão lhe chamamos Estado, por ser não só fim, mas também descanso.

[(*) mainel = patamar]

Tem vossa senhoria subido, se não muitos degraus, digo, se não tem vivido muitos anos, vivido tem aqueles que bastam; e seguindo tal curso, bem pode já dar o descanso a que chega, por ter chegado ao melhor tempo.

Paga o filho ao seu pai, por se casar, aquele benefício que recebeu dele. Pois se o seu pai não casasse, o filho não existia. Vão assim os homens contribuindo uns aos outros; e todos à memória dos que lhe deram a ser, a que, depois de Deus, somos mais obrigados que a tudo o mais.

* * *

Espantam-se os mais novos com o que ouvem dizer do casamento aos mal casados, porque, senhor, há vossa senhoria de saber, que muito mais certo é que o mantimento bom se converta no mau humor que em nós acha, do que converter o mau humor nessa sua boa virtude. Parece aos jovens ser intolerável a carga do Matrimónio. É, senhor, pesadíssima para quem a não sabe levar; para os que sabem, é ligeira. Uma arroba de ferro ao ombro carrega um homem, que com o fácil artifício de duas rodas pode levar um quintal(*).

[(*) Arroba e Quintal eram unidades de medida e peso utilizados na época como hoje se usa o quilo e a grama. É difícil quantificar o valor equivalente da Arroba e do Quintal em quilos pois o valor foi sendo alterado ao longo dos séculos. Sabe-se no entanto que uma arroba equivale à quarta parte de um quintal. Para além destas denominações havia ainda o Arrátel e a Onça.]

Não excede o peso do casamento as nossas forças, falta-lhe é muitas das vezes a nossa prudência para que o sustente: e de aí vem porque nos parece grande a carga.

Quer vossa senhoria ver o quão leve é a carga deste modo de vida que toma? Meça-a com o peso dessa outra vida que deixa. Ponha, senhor N. em balança a inquietação passada: os perigos, os desgostos, a desordem dos afetos, aquele temer tudo, não confiar em nada, o queixume que dói, a vingança que arrisca, a ruim lei que desespera, os ciúmes que abrasam, os amores que consomem, a hora em ocasião, a saúde diminuída, a vida arriscada, e o que é pior, a consciência sempre queixosa.

Ora alvíssaras(*), senhor N. que já lá vai tudo isto.

[(*) Alvíssaras: "boas-novas", "boas notícias", "alegre-se". A expressão vem de uma prática medieval em que se dava uma recompensa ou compensação monetária, denominada "alvíssaras", a portadores de boas notícias. O dito "alvíssaras, alvíssaras", que indicava um pedido de dinheiro

feito por um portador de boas-novas, passou com os tempos a ter o sentido de se estar a felicitar alguém. O termo caiu em desuso no decorrer do século XVIII.]

Em boa verdade, mesmo que o casamento não trouxesse outro bem, apenas o de livrar de tantos males, justamente merecia o nome de santa, e doce vida.

Pois vejamos o que se lhe dá a um casado, a troco dessa liberdade, que eles tanto alegam que deixam?

Dá-se outra: troca-se liberdade com a mulher, com a vontade, com a fazenda,(*) com o cuidado, com a obediência, com a vida, com a alma.

[(*) fazenda = conjunto de todas as propriedades e terrenos de alguém.]

Quem pesará o que deixa com o que recebe, que não conheça logo os ganhos desta troca?

* * *

Uma das coisas que mais pode assegurar a futura felicidade dos casados, é a proporção do casamento. A desigualdade no sangue, nas idades, na fazenda, causa contradição; e a contradição, discórdia. E eis aqui os males por donde vem. Perde-se a paz, e a vida é inferno.

Para a satisfação dos pais convém muito que haja proporção do sangue; para o proveito dos filhos, proporção da fazenda, para o gosto dos casados a das idades. Não que seja preciso uma conformidade, de dia a dia, entre o marido e mulher; mas que não seja excessiva a vantagem de um para com o outro.

Deve ser esta vantagem, quando a haja, sempre da parte do marido, superior em relação à mulher. Ou então, que em tudo sejam iguais. Essa é a suma felicidade do casamento.

Dizia um nosso grande cortesão que havia três tipos de casamentos no mundo: casamento de Deus, casamento do Diabo e casamento da Morte. De Deus, o do mancebo com a moça. Do Diabo, o da velha com o mancebo. Da Morte, o da moça com o velho.

Ele decerto tinha razão, porque os casados jovens podem viver com alegria. As velhas casadas com jovens, vivem em perpétua discórdia. Os velhos casados com as mais novas apressam a morte, ora pelas desconfianças, ora pelos excessos.

Mas porque estas coisas são muito gerais, e ainda os incapazes têm delas o conhecimento que aos entediados lhes sobeja; é hora de passar a alguns avisos mais particulares.

* * *

Senhor, saiba vossa senhoria que à sua alma se acrescenta outra alma; à sua obrigação se junta outra obrigação. Assim devem crescer os seus interesses e os seus respeitos. E da mesma sorte que à de um homem que ao possuir uma herdade, a qual cultivasse, lhe fosse deixada outra, para o mesmo efeito; este tal homem, sem diminuir a sua alegria, era preciso que na diligência procurasse por abranger, com o seu trabalho, ambas as suas terras.

Nem mais nem menos deve o casado multiplicar a responsabilidade, e a fadiga (sem que por isso se entristeça) em não faltar ao novo cargo que tomou e lhe entregaram, com a mulher que lhe deram; não para que a arriscasse, e perdesse (e a si mesmo com ela) mas para que com maior cómodo e descanso, puder passar com ela a vida.

Tratemos de ver se será possível dar alguma regra ao Amor: ao Amor, que parece ser a principal causa de fazer os casados mal casados. Umas

vezes porque falta, e outras porque sobeja. Armemos-lhe, se se quer, as redes; ele cai nelas se quiser; mas o mais certo é que voe, e fuja delas; porque, quiçá, por isso o pintam com asas.(*)

[(*) Aqui referindo-se ao Cupido, a personificação do Amor e o responsável por se ficar enamorado, descrito como uma figura alada com asas que dispara setas e faz as pessoas apaixonarem-se, muitas vezes por quem não lhes seria mais proveitoso.]

Que se ame a mulher, mas de modo a que se não perca por ela o seu marido. Aquele amor cego que fique para as damas; e para as mulheres o amor com vista. Portanto trate os olhos que tem, ou peça-os emprestados ao entendimento daqueles que lhe sobejam.

Quando digo "perder pela mulher" refiro-me a perder por causa dela a sua dignidade de homem, a ponto de não contradizer a sua vontade, quando é justo que lha contradiga.

* * *

Sabe-se, e teme-se que também há Narcisos(*) do amor alheio, como do seu próprio.

[(*) "Narciso", do infeliz grego que se gostava tanto de si mesmo que morreu depois de olhar tanto tempo para o seu reflexo num lago, tornando-se na flor a que deu nome. Daí vem o termo "narcisismo" - gostar demasiado de si próprio. Ser extremamente vaidoso e orgulhoso.]

Gabava-se o Papa Pio V, a muitos Cardeais, de um seu criado que ele mais gostava. Dizia-lhes: Bom ele é, mas nunca me contradiz. Tão longe está de ser desamor, que antes é perfeição do amor o saber encontrar a vontade de quem se ama, quando ela não deve de ser seguida.

Há alguns, senhor N., de tão pouco juízo, que fazem ostentação do seu próprio cativeiro. Igual afronta há num casado em saber-se que nele manda a sua mulher, tal como saber-se que ela é escrava do marido, e não companheira.

Esta situação, esta prerrogativa de que cada um é bem que se usa, logo ao princípio convêm que se concerte. O marido que tenha as vezes de Sol na sua casa, a mulher as de Lua - que ilumine com a luz que ele lhe der e tenha também alguma claridade. A ele sustente o poder, a ela a estimação. Ela que o tema, e ele faça que todos a temam; assim serão ambos obedecidos.

* * *

Disse eu que as mulheres são como as pedras preciosas, cujo valor cresce, ou mingua, segundo a estimação que delas fazemos. Os que casam com mulheres maiores no ser, no saber, e no ter, estão em grandíssimo perigo.

Deste perigo livrou Deus a vossa senhoria (e àqueles que igualmente casarem) porque naquilo que devem ser iguais mulher e marido, são vós muito iguais, e no que vossa senhoria fazia bem em que excedesse, a verdade é que excede.

Os seguintes anos são grandes lutas no casamento, em favor da autoridade do marido.

Não me detenho em apontar remédios a estes riscos, porque o meu objetivo não é dar conselhos a quem escolhe mulher, mas sim avisos para se viver com aquela que já se tenha escolhido.

O homem que casa com uma mulher de pouca idade, leva a demanda meia vencida. Nos tenros anos não há ruim costume; porque ainda o menos advertido está no ânimo como hóspede, e não de assento.

Ouça esta história: Acusando um homem a sua mulher de ser mal acostumada, diante do seu Príncipe, a ele foi perguntado com que anos entrara ela no seu poder; e como disse o marido, que aos doze, respondeu aquele futuro Rei: "Pois vós sois que mereceis castigado, que tão mal a criastes."

Um leão, em pequeno se amansa. Aos próprios ferros da gaiola, em que vive preso, toma afeição um passarinho; sendo aquele pelo seu natural estado feroz, e este pela liberdade. É a criação de outro segundo nascimento; e se em alguma coisa difere do primeiro, é só em ser mais poderoso este segundo.

O homem que tiver discrição, e paciência, casando com mulher nova, pense que vai ser tanto de pai da sua mulher, como de seu marido. E pode fazer que ela renasça com novas condições.

Se vemos dançar um urso numa corda, animal de tão bruto despejo, que há a desesperar em se poder instruir a mulher nova em todos os bons costumes, e ditames em que a puser o seu marido? E também que há de confiar de que não teme os males, se o seu marido lhe dá lições, e motivos para cair, e ficar neles?

No entanto, correm algum perigo as muito novas, pelo sobejo amor que têm aos pais, e irmãos, com que elas se criaram; e é tanto mais ocasionado

este inconveniente, quanto parece mais lícito.

Habitualmente, esta ação regula-se pelo ser desses pais, e dessa parentela. Quanto aos pais, sejam como forem, louvável é a inclinação dela, mas é necessário que se vá, desde cedo, e por bons meios, desligando-se dessa familiaridade.

Sobretudo quisera eu ver antes nas casadas, para com os seus pais, reverência em vez de amor; não que lho neguem, porque sem algum amor, não há nenhuma obediência: mas quando for amor, e estes não sejam dignos dele, se o marido tiver arte, o remédio não parece dificultoso.

Julgava eu que para esta tal mezinha era bem conveniente uma nova brandura, um novo afago (digamos assim), um enamorar a mulher... mas outro tanto mais do que esta razão será necessário.

A criança que outra coisa não sabe senão o peito da sua mãe, deixa-o quando em troca lhe é dado a conhecer a suavidade do mel, ou do açúcar, que é mais doce que o leite. Não se duvida que o bem querer do marido é mais próprio para a mulher, que o dos seus pais, e parentes. Daí resulta que a mulher obrigada, e mimada pelo marido, esquece facilmente as afeições dos pais, e dos irmãos.

Este afago também deve ser discreto, repartindo-se igualmente por ações, e palavras. Dá-se um vestido que não se espera, quando ela pede uns brincos; uma saída em que se não pensara; um não sair de casa uma tarde; um recolher mais cedo uma noite, (e se disser, um levantar mais tarde uma manhã, não mentirei) farão logo chatíssimo o caminho para aquele esquecimento, ou desvio dos pais, quando ao marido lhe convier.

* * *

Houve quem duvidasse, se podia ser perfeito o amor entre aqueles que por conveniências, e por negócios se casavam: entendendo que esta perfeição de querer, só se guardava para os que casavam por amores.

Era a que se referia um galante, que convidando uma sua parente para que casasse com ele por conveniência, justificou: "Senhora, não me obrigo a amar ninguém por fé, senão pela minha."

De uma, e de outra coisa não faltam bons, e maus exemplos; mas eu que sou mais amartelado da razão que do caso, direi com alguma novidade o que se me oferece.

Persuado-me, senhor N. que esta coisa a que o mundo chama Amor, não é só uma coisa, porém muitas com um próprio nome. Poderá bem ser, que por isto os antigos fingissem haver tantos amores no mundo, a que davam diversos nascimentos; e também pode ser que venha daqui, que ao Amor chamamos Amores: pois se ele fosse um só, grande impropriedade era esta.

Eu considero haver dois amores entre as pessoas. O primeiro é aquele comum afeto com que, sem mais causa que a sua própria violência, nos movemos a amar, não sabendo o que, nem o porque amamos. O segundo é aquele, com que prosseguimos em amar o que lidamos e conhecemos; o primeiro acaba na posse do que se desejou; o segundo começa nela: mas de tal sorte, que nem sempre o primeiro engendra o segundo, nem sempre o segundo procede do primeiro.

Donde concluo, que o amor que se produz do trato, familiaridade, e fé dos casados, para ser seguro e excelente, em nada depende do outro amor, que se produziu do desejo do apetite, e desordem dos que se amaram antes desconcertadamente; a que, não sem erro, chamamos amores, que a muitos mais empeceram que aproveitaram.

Parecerá dificultoso considerar, que à pessoa que não temos ainda visto, podemos vir a amar com perfeição. Larga é a disputa pela resposta dessa pergunta. Digo eu que façamos, senhor N. neste caso, como aqueles que

cortam a madeira, e a lançam ao rio, para que a sua corrente a leve (sem muito trabalho) para o porto. Eles não sabem se vai bem a sua mercadoria; mas basta-lhes saber que ela chega a salvo, por outras que anteriormente chegaram ao bom porto, para que lha entreguem ás águas com muita confiança.

Deixe-se levar o casado do poder daquele virtuoso costume; não lute, nem forceje com a corrente, que quando menos se espera (e sem saber como aquilo foi) ele se achará a amar a sua mulher, e sendo dela muito seguramente amado.

* * *

Disse-lhe, mais lá atrás, que à mulher a coisa que mais deve querer é ao seu marido. Tome o marido para si que a coisa que ele mais deve querer é sua honra, e só logo a seguir, a sua mulher.

Diz um antigo ditado: "Quem não tem marido não tem amigo." Diz outro: "Quem tem mulher tem o que há de melhor." E na verdade assim é entre os bons casados; e os refrões, senhor N., são sentenças verdadeiras, que a experiência é suma mestra das artes pronunciadas pelas bocas do povo.

Mas porque sucede que, sem embargo de todas as mezinhas receitadas, quando Deus nos quer castigar com a pena e injuria, pondo-nos com uma condição avessa, a mulher luta por sustentar-se nos seus desmanchos. Reflitamos então nos vários géneros de más qualidades, que acontece haver nelas, para que a todos se possam aplicar os remédios convenientes. Mas nem por isto se espere que de todas se consiga a melhoria.

I

Falam, com falso discurso, algumas mulheres que como elas guardam a lei de vida à honra dos seus maridos, em tudo o mais lhes devem eles de sofrer quanto elas quiserem que eles sofram.

É este um mero engano; por duas razões: a primeira, porque nada se lhes deve ás honradas de guardarem a obrigação, em que Deus, a natureza e o medo as tem posto.

Lembra-me que estando em Madrid, tinha uma vizinha muito brava, que discutindo um dia, como sempre fazia, não cessava de dizer ao marido, e com verdade: "Hermano sou muito honrada", e ele respondia-lhe: “*Pues anda a Dios que te lo pague, que a mim quenta no está el pagarlo, quãdo lo seas, sino el castigarlo quando no lo seas*.”

A segunda, porque não só a honra dos seus maridos se perde pela sua descontinência, mas não menos pelas ocasiões a que põem os homens por muitos outros excessos que cometem.

Foi assim graciosa, mais que segura, a opinião de certa pessoa, que dizia que ninguém tanto sofria como quem tinha boa mulher, bom criado, e boa carruagem. Porque à conta de boas peças cada uma fazia a sua vontade, e nunca a do seu dono. Não fosse por isso o dizer a chocarrice Castelhana: “*Buena mula, buena cabra, buena hembra - son três malas bestias*.”

As mulheres de rija condição, a quem comumente chamam "bravas", são as que menos prestam, porque até da temperança do marido, que era o seu melhor remédio, acabam por se revoltar; sendo já antigo o ditado que diz o soberbo se faz mais insolente à vista da humildade e o bravo enfurece-se diante da mansidão.

Mas violência, e castigo não têm lugar na gente de grande qualidade. Razão pela qual já disse, noutras discretas ocasiões, que entre as coisas que os vilões têm melhor que os fidalgos, era uma: o poderem castigar e bater nas suas mulheres cada vez que estas o mereçam.

Pouco mais solução pode haver para estas tais condições, que não seja uma grande prudência aos homens com quem se juntam. Aconselharia

aquele a quem tal sucedesse de casar com uma mulher brava, que se afastasse, o mais possível, de viver nas Cortes, e outros grandes lugares. Quem grita no despovoado, é menos ouvido. Apagam-se assim inconvenientes e não se cairá na boca do povo, pois habitualmente serve de iguaria aos murmuradores, as ações de tais casados.

II

A mulher feia é mal comum, porém pode muitas vezes ao dia o marido aliviar-se, quantas vezes sai-a ele da sua presença, ou ela da do marido.

Considere que mais vale viver seguro no coração, que contente nos olhos; e desta segurança viva contente; que pouco mais importa ter perdido a formosura, que vê-la ir perdendo a cada dia, com lástima de quem a ama.

Isto sucede sempre nas mulheres, já pela idade, já pela velhice, a que toda a formosura vive sujeita. Disso, com muita razão, se queixava um amigo discreto - não de que a natureza acabasse com as formosas, mas de que as envelhecesse.

III

Mulher tonta, é mal pesado, mas não insofrível. Procure o marido emprestar o seu juízo ás ações da sua mulher com aquela discrição que vir que a ela lhe falta. Assim o fará o entendido; e se ele também o não for, pouca mal lhe dará que ela o não seja.

IV

A doença, que a muitas aflige, também não é uma pequena preocupação: vê-se penar a pessoa a que se quer bem; e por ironia, parecem ser estas as que menos o merece: porque males, e bens muito há que costumam andar desordenados.

Deve a mulher, quando estiver enferma, ser tratada pelo seu marido com todo o regalo possível e com toda a paciência.

Pode-se fazer esta conta: que estando disposto haja de padecer o homem em metade da sua alma. Considere-se (para que se bem sofra) que a obrigação do fiel companheiro, é guardar companhia, tanto pelo mau, como pelo bom caminho. Se as sortes se mudassem, da mesma maneira, quisesse o marido ser tratado e atendido pela mulher.

V

Há algumas mulheres prolixíssimas, e de condição impertinente, que descarregam sobre os criados, a quem acham insuportáveis; dando à casa má fama, e fazem com que o senhor dela tenha dificuldade em encontrar quem o sirva.

Convêm que a estas mulheres lhes aperte o freio; que lhes dê pouca mão no governo da casa, que a pessoas feridas de mal contagioso as sirvam, e que trabalhem longe, ouvindo-as pouco, e dando-lhes a ouvir menos. Que lhes seja dado a mostrar, por experiência, os frutos da sua condição, faltando-lhes talvez com o serviço necessário; porque se com este garrote não tornam a si, são por outro modo de dificultoso remédio; e vem a pagar o marido, sem culpa, os males da mulher agressora e merecedora da má vontade dos servos, que, como pouco medidores de juízo, não distinguem as ações da mulher e do marido, sendo qual deles digno de amor, e qual de desamor.

Acontece serem escassas; e dos defeitos mais leves, que nelas se acham, é este um deles. Não julgo que seja algum perigo (posto que pode ser de descontentamento, e azo de pouca paz) porque se o marido é liberal, ele dará logo remédio à condição da mulher; mas se ele tiver o mesmo costume viverão com miséria, mas com contentamento.

Não penso, decerto, que os Egípcios com toda a sua agudeza, inventaram o mais excelente hieroglífico do que o descobre um nosso provérbio português: "O marido barca, a mulher arca". Ouvi outro à dias a uma velha, e escutei-o como da boca de um sábio: "Traga o marido, e guarde a mulher".

VI

Mulher ciumenta, é bem ocasionada mulher para que se viva sem contentamento. Dizia uma de bom juízo: "A mulher não ciumenta tende a ciumenta". Queria ela dizer: não lhes dês causa, que ela a não tomará. Mas esta não distinguia a queixa do ciúme; porque aquela que com razão sente ciúmes, não chamo eu ciumenta. A ciumenta é aquela que sem causa nenhuma se queixa; e estas são as que mais custa a emendar. Porque emendar cada um as suas fraquezas, apesar de dificultoso, não é impossível; mas emendar as alheias, não é dificultoso, porque é impossível.

Contra as ciumentas sem razão, o melhor remédio é, que elas a não tenham, porque assim se segura a consciência, e a honra. Contra as ciumentas com razão, curando-se o marido da leviandade, fica a mulher curada do ciúme. Para desconfianças leves, que alguém chamava de "sarna do amor", que faz doer, e gostar juntamente, digo eu, que como se

satisfizeram as damas, se satisfarão as esposas. Aquele amor desordenado, mais furioso é, e assim mais veementes os seus ciúmes (como é do melhor vinho o melhor vinagre.) Que saiba (que todos souberam) desmentir os ciúmes da sua dama, quando os tem, por esse mesmo modo desminta os da sua mulher, quando ela os tenha.

VII

E agora as gastadoras, fogo perenal das casas, e das famílias. Sempre foi causa de muitos males esta tal condição; porque lá tem as suas cores de coisa boa; e sobretudo é muito aceite. Digo, senhor N. com verdade, que acho que deve uma mulher honrada tratar o dinheiro com aquele mesmo temor que tem ao ferro, ao fogo, e a outras coisas que convêm que sejam medrosas. Parece-me o dinheiro em mãos da mulher uma arma imprópria.

Para a que for ferida deste mal, é necessário ter um grande recato, e vigia; e assim, como quem navega teme que se abra uma ferida no casco do navio, por onde sem duvida se irá a pique, do que se se lhe abrirão outras muitas pelo bordo, que vai fora da água; assim não é tão perigosa a uma casa outra qualquer desordem, nem lhe ameaça ruína, como o excesso da mulher gastadora, e desregrada; porque como esse defeito jaz dentro na água

(dentro, digo, do próprio cabedal) por ali logo se vai ao fundo a família inteira.

Umas destas são tão vorazes que por uma bugiganga venderão o Brasão de uma família. É defeito que, compreende, não afeta só as grandes senhoras (antes nelas menos perigoso, e mais desculpado) mas até à pessoas de pequena condição.

Sucedeu, estando eu em Madrid, vir a minha casa com grande ânsia a mulher de um obreiro que ali estava em trabalhos, pedir, que lhe adiantasse doze reais; e perguntando-lhe, qual era a sua necessidade: "*Ai senor, disse, que tengo concertadas a comprar media dozena de higas de azavache lindissimas, i si agora no las tomo, no sè quando podré despues haverlas*."

Sofresse melhor um destes desmanchos, quando não é costume. Na jovem é tolerável, na mulher condenável. Saiba toda a mulher, que o mundo é maior que o seu apetite, por isso não queira fazer-se necessitar de tudo quanto vir, ou ouvir. Deus nos guarde de umas que fazem certo aquele dito bem vulgar, mas muito próprio: "A minha filha Tareja, tudo quanto vê, tudo deseja". Responda-se-lhe nesta razão: "Primeiro está a obrigação, depois a temperança, e por fim o gosto."

Que direi das voluntárias, que por nome, não menos próprio, se chamam teimosas? Daqueles que discutem por tudo e por nada? A maioria são constantes e teimosas no seu parecer. Isto acontece com maior frequência naquelas que são muito tontas, ou muito presumidas.

Não defendo que com a mulher se lute, pois isso é conceder-lhe uma igualdade no juízo, e império, coisa de que devemos fugir. Faça-lhe perceber que a ela não compete o entendimento, apenas o obedecer e o executar. Mas faça isto sem o dizer diretamente. Mostre-lhe, de vez em quando, que quando se casou foi entregue a sua vontade ao marido e que ela comete agora delito em querer usar aquilo que já não é seu.

IX

Todos os outros defeitos são sombra se os compararmos com o defeito da facilidade, ou ligeireza: e ainda o não acabo de dizer, porque não lhe acho nome decente.

Mulheres há leves, e gloriosas, prezadas do seu aspeto: "loureiras", penso eu que lhes chamavam os nossos antigos, por significar que a qualquer bafo de vento se moviam. Este é o último dos seus males.

Nem o quero considerar, porque a nós nem é necessário apontar o remédio. A honra de cada um e a consciência sejam, nestes tristes casos, os conselheiros.

Com agudeza definiu este ponto em poucas palavras alguém: "Sofra o marido à mulher tudo, menos ofensas; e a mulher ao marido, ofensas e tudo".

Advertirei, todavia, que aquele seu pretexto, de que cortesanias, ou galantarias com outros homens não fazem mal, é uma conclusão erradíssima, cuja prática introduziu a ação, não a razão. Para que se pregue um prego, costumamos fazer-lhe em primeiro lugar com uma fútil verruma. Nenhum vício entra tal como é. Entra invisível, começa por ser entretenimento, passa a ser moléstia, chega a ser doença, e acontece que pode ser perigo.

A honra da mulher comparo eu à conta do algarismo; tanto erra quem errou em um, como quem errou em mil. Façam as honradas boas contas, acharam esta conta certa.

Aquelas que se prezam em ser formosas, não há razão para que nos descuidemos. Que a mulher se aperceba da sua beleza não é vício - uma velha opinião minha que em muitas partes tenho escrito. Devemos tanto conhecer o bem, se o há em nós, como o mal quando o haja. Este para que

se guarde, e não perca; aquele para que se emende, e não vá adiante. Desejo que o sentido da formosura se use como se usa o da nobreza; folgue cada um de a ter, mas não que a ostente.

Levar da espada a cada passo, argue pouca prudência. O marido que vir a sua mulher inclinar a esta vanglória, viva por ela mesmo avisado, e saiba que tem perigosa mercadoria, pois quanto mais cobiçada é, mais carece de vigia. Por esta razão não faltou já quem duvidasse, se a mulher formosura se dava por prémio, se por castigo.

* * *

Passado havemos este enfadonho labirinto, ou por estes monstruosos medos, que o guardam. Tudo há no mundo, mas que nada perigará a pessoa que já for advertida. Verá vossa senhoria como os mapas, nos quais se orientam os navegadores, estão escritos, com tanta diligência, os baixos de que hão de evitar, como os Portos, para onde devem seguir.

Tendo mostrado a vossa senhoria assim umas sombras dos perigos, e inconvenientes que causam as mulheres com algumas das suas imperfeições; hei de dizer agora a vossa senhoria os descansos, os

contentamentos que trazem consigo as boas mulheres. Eles são tantos, que na verdade não se podem dizer quantos.

Não há na eloquência louvor que não seja empregue à mulher que é honrada. A essas deve tratar o seu marido como um penhor celestial.

Para a conservação desta honra, e desta mulher, irei assim apontando a vossa senhoria algumas coisas, as quais não servem para serem apenas aprendidas mas usadas, e usadas muitas vezes. Bem se vê que não basta plantar a flor no jardim, por melhor casta que ela seja, para que o adorne, faça figuras, e lavores agradáveis; é necessário torcer-lhe ás vezes os raminhos, e outras cortar-lhe as vergônteas; e mesmo assim nada se aproveita, se perpetuamente o jardineiro a não rega e cultiva.

* * *

Fuja-se, como da peste, de repartir casa e de ter criados, uns para o senhor, e outros para a senhora. Se o casamento é união, de que serve dividi-lo? Este ponto é mais proveitoso à advertência, que agradável à especulação.

Tem-se hoje por grandeza ter quartos, e aposentos à parte e conservarem-se por toda a vida assim alguns casados. E há homem que vive tão afastado da sua mulher, como das dos seus vizinhos. Pergunta-se, neste caso, às paredes das casas mais antigas - pois as paredes falam - e elas dirão como eram os costumes dos passados. Vê-se no modo como eram edificadas. Onde hoje não cabe um pobre escudeiro onde antes cabia um senhor grande. Ora eu não sou tão amartelado da antiguidade, que cegamente siga os seus costumes, mas parecia-me bem aquela singeleza e não bem esta cautela. Que vivam todos na mesma casa, maridos e mulheres; que o contrário, certo, é um abuso cheio de perigos.

Afirmo novamente ser erro que traz grandes inconvenientes, ter em casa gente parcial, que trate somente da mulher e só a ela deve fidelidade e segredo; só a ela queira servir e dar gosto; só a ela tema o seu enojo, e espere o seu prémio.

Costumavam dizer os Grandes: "Tantos criados, tantos inimigos"; sentença de que foi autor não menos que o Espirito santo. Pois essa outra casta de criados que o são e que o não são, é a quinta essência dos criados inimigos.

Introduziu o costume, ou o diabo inventou, uma espécie de pajenzinhos, a que chamam de tocha, ou de estrado. Não aprovo tal uso, se lhe houver de assinar particular exercício. Sou muito contra eles, porque entram e saem, são espertos e artistas, tomam o cio com o favor, como galegos, e saem dele com más manhas.

Que sejam os pajens todos do senhor e destes, os mais modestos e honrados, se apliquem também ao serviço da sua mulher; e se se variarem, é ouro sobre azul. Não é necessário fazer isto, mas pense é melhor que o contrário. Faça-se porque é bom, e mais seguro que o que se não faz.

Também que se contrate poucos, e até certa idade; porque se são pequenos, negociam com as criadas, e advogam ás vezes por outros; se são grandes, trazem procuração em causa própria, sempre com dano para o decoro da casa.

Viu, um dia, o Duque de Alva, avó deste que hoje vive, entrar um pajem, já espigado,(*) para o quarto das criadas; chamou-o, e disse-lhe: "*Andad, decilde al maiordomo, que ó os cape, ó os encape*."

[(*) Já homem feito.]

Conto-lhe outra: Tinha sucedido um desconcerto, em casa de uma senhora, a uma certa criada sua; e foi tal o mal que foi preciso ir, de noite, buscar o remédio a casa de uma comadre. Gritava a grandes vozes o mensageiro (dizia ele depois por lhe parecer mais honesto): "Senhora, acuda vossa excelência, depressa, à casa da senhora Dona fulana, que está uma sua criada em parto." Que pregão este! E quem é culpado da infâmia daquela casa, como o descuido do senhor da casa?

Senhor N., quando o fogo anda nos montes, varrem-lhe muito bem os caminhos, para que não fique palhinha, nem aresta, nem argueiro, e isto a fim de que ele não salte de um arvoredo para outro. Estas sevandilhas pequenas, estes argueiros, estas palhinhas, estas arestas, são ás vezes causa de grandíssimos incêndios.

Mas tenha fé, meu senhor, que a casa de vossa excelência é bem limpa, e bem varrida, que além de ser de grande asseio, é de grande descanso.

* * *

Quero agora falar em criadas, e quero falar mais baixo, se a escrita tiver tons, como tem a fala.

Em relação ao número delas: nem falte ao estado de cada um, nem sobeje à riqueza de cada um.

Nesta míngua nos levam os estrangeiros muita vantagem. Senhoras de grande porte, por terras que vi e andei, servem-se apenas com uma, duas criadas, e mais as filhas que delas. E já por acaso, por esta causa chamam os Franceses ás Damas do Paço: Filhas de Honor; dando a entender, que não menos das filhas se podem fazer criadas, do que se pode as criadas ter em conta de filhas.

Se o hei de dizer em outra parte, que seja aqui já, antes que me esqueça. Ouvi muitas vezes a um famoso pregador (que todos ouvimos) repetir este dito engraçado, e verdadeiro: "Quem gasta menos do que tem, é prudente; quem gasta o que tem, é cristão; quem gasta mais do que tem, é ladrão."

Em nada deve haver excesso na casa bem regida; e se em alguma coisa se compadece falta, é naquela que menos se vê, pois assim devem ser as criadas, que convém que sejam as coisas menos vistas da casa, ainda que não sejam as menos para ver. Por mais que não seja, que para atalhar os embaraços que elas podem causar à família.

Que não haja nenhuma criada especial da sua senhora, porque todas o devem ser na proporção conveniente. Que todas a amem e que a todas ela

estime; sejam todas suas criadas, seja ela senhora de todas; de nenhuma seja amiga, como de nenhuma se mostre companheira.

Hei de contar a vossa excelência (conto-lha, não lha inculco), em segredo, uma história: Dizia-me um grande Senhor muito discreto, e gentil político que assim que a sua mulher se declarava em favorecer uma criada mais que as outras, se era nova ele galanteava-a logo, até que a boa senhora, com puros ciúmes, a tirava do seu serviço, ou pelo menos da sua guarda; e se era velha, comprava-lhe com dinheiro o seu trabalho de maneira que também por ciúmes a sua mulher a descompunha. Eis tudo revolto, e à vontade do marido. Com tal destreza havia feito isto, que nunca vira a sua mulher depois particularizar-se mais com uma criada que com outra. Tenho-o por demasiada astucia, mas ele fazia muito caso desta treta. Fique dito, não aconselhado.

Pois aqui está, digamos o que acerca de criados se oferece a advertir. Se houver alguma coisa mais importante, a este propósito voltarei, porque julgo este ponto ser um dos mais importantes para a honra, e para a paz dos casados.

* * *

As mulheres que são como o rio Nilo, a quem se não sabe o nascimento, e toda a sua corrente, o melhor é fugir delas, senhor, como dos próprios crocodilos, que dizem haver nesse rio. Há umas que dão em ter Dons; outras que se gabam ser nobilíssimas (e praza a Deus que não seja por afinidade.) Muitas que se dizem ser filhas bastardas de fulano tal, as quais (se o são) sendo mal criadas ao bafo das outras, são pouco apropriadas para serem boas damas de companhia da sua mulher. Algumas apresentam-se como sendo descasadas; algumas que os seus maridos foram à tantos anos para a India, e nada daquilo é seguro de ser verdade.

Estas mulheres costumam ser discretas, músicas, comediantes, sabem fazer toucados extravagantes; bordadoras, costureiras, e como acréscimo das boas habilidades, enfeitiçam as senhoras, que mal advertidas daqueles laços, que na aparência se encobrem, caem facilmente nos seus enredos; chama-lhes logo mimosas e queridas; mas estas em casa erguem-se de repente sobre as outras criadas; anda a casa revolta, e este é o menor inconveniente que trazem. Contam histórias ás suas amas, mostram-lhe ás vezes a facilidade de vencer uma situação impossível; alegam-lhe com casos passados; e finalmente são como sarna da honra, que sendo uma ruim, e asquerosa doença, passa por gosto, e desgraça com graça à pessoa que a padece.

Quando a mulher tiver desejos de receber ao seu serviço pessoas assim semelhantes, oponha-se-lhe com suavidade. Faça-lhe entender que as rendas vendem-se nas capelas, os toucados fazem-se no Paço, e tudo o que custa dinheiro é mais barato; que a troco de viver com receio, ou ocasião, nenhuma coisa é boa.

Convêm para serem criadagem as filhas das que já o foram, e que tem feito prova do amor, e da lealdade; as vassalas (quem as tiver); as vizinhas, e gente de antigo conhecimento; e todas daquela esfera de gente, que sem vergonha do seu estado, pode, e deve servir, e de quem aos seus amos, sem pejo nem vaidade, podem, e devem ser servidos.

Uma casta de mulheres que há pelo mundo, que são chamadas de hóspedes, e recolhidas,(*) tão pouco levam o meu voto. Muitas senhoras folgam de dar a estas a autoridade da sua casa. Não sou contra o acto, mas incauta seria a piedade de quem tirasse do lume os carvões acesos, para que não se gastassem, e os metesse no seio para que o aquecesse. Todavia não é geral esta regra, que pode pela prudência do marido ser dispensada.

[(*) Mulheres que trabalhavam em hospedarias, tomando o governo e a chefia dos vários aspetos da hospedagem, desde à comida servida, à mudança de lençóis e arrumação dos quartos e da casa.]

* * *

Contra a antiga modéstia Portuguesa, introduziu o costume, que as criadas andassem com o mesmo traje que as suas senhoras. Ajudam-se de outra astúcia, metendo na cabeça das pobres amas (a quem com tais persuasões deixam mais pobres) que a honra de uma senhora está em trazer as suas criadas mais lustrosas que a si mesma; e lhe apontam que veja a aquela, e aqueloutra, que não é tanto como ela, e veste as criadas melhor que ela.

Pode assim acontecer que um dia, segundo a igualdade dos trajes, não se saber qual é a ama, ou a criada, tal como dizem ter acontecido a certo caseiro de um fidalgo noivo muito jovem, que entrando com um presente na câmara onde estavam os seus amos, e não distinguindo qual fosse ele, ou ela, perguntou simplesmente, qual dos dois era, ao serviço de Deus, o senhor noivo, porque a ele queria dar o seu recado. Quantas vezes puderam hoje outros mais práticos, vendo as senhoras, e as criadas do costume, perguntar qual era a senhora ama?

O menor perigo que aqui há, é o excesso, e desordem do gasto; que contudo é considerável, que, em verdade, se se medir a ânsia e o trabalho, em que vivem muitos amos para sustentar a vaidade dos seus servos, vê-se

que bem maior trabalho passam os senhores por serviço dos seus criados, que os criados pelo dos seus senhores.

Mas voltando ao fausto, e escusado adorno das criadas, mostra bem a experiência os danos que este costume traz consigo. Elas vendo-se assim majestosas, logo sobem de pensamentos, e tratam de aproveitar aquele bom tempo, mostrando-se, e deixando-se ver, e procurando ter por tais meios algum estatuto, que em sendo conseguido por elas, e por aqueles meios, são ser sempre bem maus.

Que seja o marido como um almotacel,(*) que taxe as galas da sua família. Ás criadas consinta toda a limpeza, mas não toda a louça; que imponha diferenças nos trajes, conforme o ofício.

[(*) Oficial municipal encarregue da fiscalização das medidas e dos pesos e da taxação dos preços dos alimentos e de distribuir, ou regular a distribuição, dos mesmos em tempos de maior escassez.]

Não se lhe chame damas de companhia, nem se lhe consintam galanteios: coisa moderna, e bem escusada. Fique-se essa permissão para a casa de el-Rei, onde o medo do castigo, e a força do decoro, suprime a malícia, que

alguma vez se desaforou tanto, que venceu o medo, e se rebelou contra o decoro.

Em parentes de criadas muito solícitas haja grande atenção. Primos, e cunhados, que não forem muito conhecidos, que falem fora de casa, e se não falarem ainda darão menos que falar. Curas que se vão fazer a casa de irmãs, e de tias, são enfermidades. Visitas, ainda com uma velha acompanhante a observar, têm seu risco.

Amizades especiais entre esta gente, são dignas de atenção; segredos perpétuos induzem suspeita. Faça por evitar que se chamem umas ás outras com nomes que inventa a sua ociosidade, como: "meu marido", "minha avó", "minha comadre"; e também faça por evitar: namoros, atenções, pensamentos; porque tudo isto, mesmo que não pareça mau, é ao meu juízo um jogo de espada preta em que o vício as exercita, para que depois as tenha destras para um maior desmancho.

Mas nem por isso aconselho aos amos o que Maquiavel aconselhou aos Príncipes, a quem persuade que se crie inimizade entre os subalternos, para que não haja nenhum que seja fiel uns aos outros, e sejam todos fieis ao seu senhor. Vele-se o casado o quanto puder; porem não espere criar por maus meios a concórdia no lar, que esta não se alcança (se, se alcança) senão numa casa que seja pacífica, e concertada.

Não quero pois pôr em cerco estas mulheres, nem negar-lhes o lícito; aponto apenas onde jaz o perigo, para que dele se desviem pelo cuidado do senhor da casa, a senhora, e as damas dela.

Sobretudo, convêm que o senhor procure ser bom com as suas criadas, e as trate para esse efeito com a benignidade possível; acuda-lhes na mesma sem-razão que lhes fizer a sua mulher, se esta lhas fizer. Não se particularize por nenhuma; fale, e procure dar o mesmo trato a todas. A liberalidade, pelo menos a galantaria, ajuda muito a isso; dando-lhes de vez em quando o que dele não esperam.

Verdadeiramente, senhor N. que podemos afirmar, que assim como entre a cabeça, e mais partes do corpo humano, convêm que haja grande conformidade para que vivamos com saúde; assim também entre o senhor da casa, e os seus residentes, convêm que haja concórdia, para que se possa viver com gosto, e quietação. E da mesma sorte, assim como os humores mais subtis, e delgados, são os que primeiro se revolvem, e corrompem; assim as mulheres são as que primeiro dão causa a qualquer movimento; por isso é necessário viver com elas muito regrado, para que se não destemperem, adoeçam, e matem o contentamento.

Agora peço eu a vossa senhoria por prémio do risco a que me pôs em falar tão livremente, que vossa senhoria leia, e guarde só para si estes

avisos; porque por mais que o meu estado seja já isento dos perigos da sua indignação, todavia os passados danos fazem como ainda agora os tema, e as tema.

* * *

Pelo que tenho dito das criadas, se podem tirar alguns apontamentos também para os criados. A primeira observação acerca deles, é a que a nenhum se trate de modo a que traga à sua própria senhora desconfiança: coisa que, não poucas vezes acontece. Quando este trato é indiscreto, pensam as mulheres que esses criados servem os seus amos em maus ofícios.

Se tal sucede, que seja o casado rápido em dizer à sua mulher, que a troco de que ela viva satisfeita, lhe será fácil tirar do seu serviço, e ainda da sua casa, esse criado. E faça-o com desprendimento, porque neste caso a resistência é constelação das contrárias suspeitas. Eu acho que a mulher bem inclinada, e amante do seu marido, se contente apenas em saber que é possível despejar-se daquele enfadamento, quando lhe põem essa opção à escolha.

Saiba, todavia, a mulher sisuda, que deve honrar a quem seu marido honra; e o homem honrado, que saiba que ninguém deve dar azo a que a sua mulher lhe perca o respeito.

Não se nega que a um, e a uns criados possa ter o senhor melhor vontade, segundo o que cada um se avantajar em serviços, e merecimentos. A regra geral deste caso é, que de se favorecer o criado que muito merece, ninguém se escandaliza com isso; mas ver beneficiar, sem motivo, aquele que todos conhecem como inútil, é levar a suspeita de algum mal. Isto é assim nos Senhores, nos Grandes e nos Reis.

* * *

A escolha de criados, sendo sempre necessária que se faça com consideração, é-o ainda mais para a casa dos casados.

Os que se prezam em ser valentes, são ruidosos; os músicos, inquietos; os namorados, infiéis; os lindos, impertinentes. Homens limpos, bem criados, amigos de honra, são os melhores; e estas as suas melhores qualidades.

Taxe o número ao tamanho da fazenda (como já das criadas se disse.) A razão pede uma contínua proporcionalidade na casa do homem casado. Mas

esta parte dispensa-se facilmente, quando a ocasião requer contra a igualdade. Bodas, filhos, cargos, alegrias públicas, pedem vantagem de mãos e serviços. Passado esse tempo é defeito aguenta-las, mas também defeito seria, passar por essas coisas, sem algum novo reforço de criadagem que dê esplendor à casa; porque o mundo, em quem vivemos, como tomou o sabor dos pensamentos dos homens, não julga tais poupanças como sendo prudência, mas sim como sendo avareza.

Lembra-me acerca disto uma história. Achei-me numa Corte no tempo em que um Rei mandou certa embaixada (*) ao Imperador. Era prudentíssima a pessoa que a liderava e nada quis acrescentar ao esplendor da sua casa. Notava-se por culpa esta mediocridade entre os ministros. E porque el-Rei expedira tal embaixada estando doente, diziam os travessos: que S. Majestade mandava em seu nome aquele Embaixador de tal maneira, por ter feito voto de ir descalço a certa casa de devoção na Alemanha, se Deus lhe desse saúde.

[(*) embaixada, aqui entende-se uma comissão, geralmente composta de um embaixador e a sua comitiva que levaria ofertas.]

O mesmo que do número, direi da alimentação e salário. Para os do interior, das portas de casa para dentro, sempre convêm que seja suficiente. Os do exterior, das portas de casa para fora, pode, segundo os tempos, crescer, ou minguar. Tenha-se sempre presente que ás pessoas de poucos pensamentos, nada tanto satisfaz como o bom pasto, que é felicidade que devem ter duas vezes ao dia.

Particularizando mais este ponto. Tenho por grande prudência dar tino com os solteiros: devem comer e andar limpos. O dinheiro deve ser ocasionado pois jogam-no, gastam-no mal e depois padecem. Este é o perigo dos que já são velhos; e o dos jovens, que se diga o que dizia um fidalgo cortesão: Que nunca tivera pajens sem sarna, a não ser depois que dera em os fazer dormir na cama com as damas de companhia da sua mulher.

Contava-me também um grande Prelado de certa religião muito reformada: Que sempre trazia os seus frades famintos, para que não pensassem em outra coisa, senão em comer melhor. Os criados devem tratar-se ao contrário, porque em andando bem mantidos, são melhores os seus pensamentos.

* * *

Ora, temos assentada a família; e posto ao casado a sua casa. Digamos agora alguma coisa da mulher; e depois apontaremos como se deve servir disto tudo.

O meu objetivo (o segundo que já deixo dito) não o foi aconselhar como se deve casar: pois o acerto de Vossa Excelência livrou-me desse trabalho; podendo por esse exemplo vossa excelência aconselhar a todos como se bem casar, se forem tão venturosos que assim o possam.

Para o que já casou, e supomos bem casado, é que deixo aqui estas advertências.

Perguntou alguém algumas vezes, se seria lícito deixar usar a mulher daquelas boas artes de que a dotou a natureza: como o cantar, o dançar, e ainda o fazer versos, e outras semelhantes prerrogativas, que em algumas se acham, e em muitas pudera haver, se o receio as não suprimisse.

Certamente, que se Vossa Excelência me fizesse esta pergunta, via-me eu em grande dilema; porque o aniquilar em qualquer pessoa das perfeições que Deus lhe deu, parece impiedade; mas também faze-las exercitar para além dos limites que a prudência requer, parece impossível.

Sucede muitas vezes ás mulheres o mesmo que aos potros - que melhor se governam quando lhes dão a rédea - e pensam que podem levar a sua vontade avante.

Não é cura para a mulher deste mal, a raiva e o mau trato; deve-se sim, usar com elas a brandura, e a cortesia. Se admitíssemos para entre os casados algum artifício, disse eu ser boa regra para a mulher, mostrar-lhe que com o marido podia tudo, sem que pudesse realmente, mais do que fosse devido.

Dizia a este propósito a Princesa de Roca-Sorion em França, que foi discretíssima, e não bem casada: Que dos três poderes com que entrara em posse do seu marido, duas lhe tomara ele, e lho deixara um só, que ela lhe dera muito facilmente. Porque nem o poder do entender, nem a do querer ela o tinha já; e só lhe ficara a memória de que os tivera em algum tempo, para sentir mais a pena de se ver agora sem entendimento, nem vontade.

* * *

De todos os dons das mulheres, a graciosidade é a que tenho por mais perigoso; porque para se usar dela, necessita de menos aparelhos, sendo pois, ao meu juízo, este dom a mais perigosa desgraça.

Cantar a mulher ao seu marido e filhos, se os tiver, é coisa que parece lícita, tal como o dançar alguma hora nos seus aposentos, enquanto a idade lhe permite essa alegria. Não louvo o trazer castanhetas na algibeira, saber jacarás, e entender os passos do sarambeque, por serem indícios de desenvoltura.

Mas aquilo de ser engraçada, e aguda para as visitas, na igreja, no coche, e no Paço, trás grandes inconvenientes consigo, e dificilíssimos de atalhar; porque das coisas a que se segue aplauso, bem ou mal ganhado, ninguém se arrepende.

Vele-se disso o seu marido; e se conseguir acabar com tais gostos, creia que fez muito; porque deste mal nunca vi nenhum doente morrer.

Vamos agora entrar na máquina dos costumes da Corte, senhor N. Em grandes receios estou que comece a não saber o que digo, se já o não tenho feito.

Quem dará termo a visitas, a merendas, a jogos, a romarias, a camaradas, a comadres, a amigas?

Senhor, há aí umas coisas, que não são boas nem más; e só as faz boas, ou más o costume. Há outras, que de si não são boas, e por mais que se

costumem, sempre são más. Há outras que são ruins; mas o costume já as tem feito sofríveis. Folgara eu muito que Vossa Excelência, pois é discreto, as desse por adivinhado, sem me fazer declarar quais são umas, e quais as outras, que eu declararei por muito comuns exemplos.

* * *

Quero lisonjear as mulheres. O uso dos seus guarda-roupas, e coisas desta maneira, ponho entre aquilo, que de si não são más, nem boas; e o costume lhe dá o ser, ou lho tira.

Eu vi andarem as Francesas com trajes, a que então chamavam verdugadins, parecerem muito bem. Depois vi-as com outros, e a parecerem da mesma sorte. Acontece que quando umas coisas estão em moda, estimam-se essas como dignas, e quando não são, estimam-se como indignas.

Direi ainda sobre isto: Eu tenho na minha livraria um livro feito por Alonso Carrança que é contra as guedelhas, das quais diz coisas abomináveis; e tenho outro feito por Pedro Mexia, em que não cessa de chorar por ver os homens tosquiados. A razão disto é a moda, que no tempo de um era costume os cabelos grandes, e parecia mal e era abuso raparem-

se os homens; e no do outro costumava-se usar cabelos rasos, e parecia desonestidade trazerem-se crescidos. Tal são as coisas, que não sendo más nem boas, o uso as faz boas, ou más.

Em Flandes (e por toda a Alemanha) é acto de galantaria, singeleza, amizade e boa lei, beberem os homens tanto que perdem o seu juízo. Mas este tal costume, não pode desmentir, nem honrar o vício que há nele; porque aquele excesso é por si mesmo injurioso.

Os antigos quebravam o jejum com qualquer outra coisa que comessem fora daquela hora em que lhes era permitida a refeição. Veio o uso, e fez consoar, e tanto deu que ficou por bom uso. Aqui resultou as consoadas do Natal que antes requeriam jejum.

Eis em bem claro modo, os três modos do poder do costume e da moda. Por isso deixemo-las com os seus guarda-roupa, que elas virão depois achar serem maus (se ainda o não são agora) como a acharem outros trajes de que pensam as fazem mais airosas. Deixemo-las com as suas visitas, romarias, e jornadas; que ainda que não sejam bons, já a moda e o costume lhes deram esses privilégios.

Porém jogos excessivos, banquetes descompostos, visitas fora de horas, amizades com porfia... as compreendidas (se as há) deem licença, porque eu me resolvo a dizer a Vossa Excelência e a todo o mundo, que estas tais são coisas que nenhum costume ou moda pode tornar decentes.

Conhecendo-se o que é demais, que procure o marido cedo o remédio, antes que se aposse o mal da pessoa. Este mal vem da ociosidade e do apetite. Trate pois de dar remédio à ociosidade, ocupando-a no honesto trabalho do governo da sua casa; e ao apetite, encaminhando-lho a outra tarefa de mais honra, e proveito para que tenha apetite de viver em paz, e confiança com o seu marido, certificando-se-lhe que de outra maneira lhe será impossível.

Disse que seria bom ocupar a mulher no governo doméstico. É bom e é necessário, não só para que ela viva ocupada, mas também para que o marido tenha menos esse trabalho. Coisas de mulheres não é bom que fique a pesar o pensamento de um homem. Pergunto: Não se rirá Vossa Excelência se vir um elefante carregado com um grão de trigo na tromba? Sim, por certo; e depressa louvava a Deus se o visse levar no bico uma formiga. Diz bem por isso o provérbio: "Do homem a praça, da mulher a

casa." Os maridos que em tudo querem mandar, são dignos de repreensão, igualmente aos que não querem mandar em nada.

Enfim, senhor N. fique assentado, que o gasto geral da casa convêm que se entregue à mulher para a contentar, para a ocupar, para a confiar. Dar-lhe aquelas ocupações, para que se desvie de outras. Se o faz como é devido, que maior ventura haverá? Fará conta o marido que achou um criado tão bom como ele, e tão fiel, que o serve de graça. Se o faz menos bem é mal bem tolerável. Quanto melhor será que o desaproveite a mulher que não o criado? Que ela sempre errará contra a sua vontade, ou pelo menos com vergonha; e o criado pode ser que muito pela sua vontade, e sem nenhum pejo, desacerte.

As casas da gente comum parecem ser melhor governadas; porque infalivelmente guardam esta regra: um traz, outro aproveita.

* * *

Disse eu que à mulher se entregasse uma tal porção de dinheiro, que pouco excedesse o gasto quotidiano. Não por exercitar com ela alguma avareza; porém não tenho duvidas que não convêm ás mulheres demasiado cabedal. Costumam gastar sem ordem aquelas que sem ordem recebem.

Que lhe diga o marido, que ele se oferece para pagar as suas necessidades. Diga-lhe que a ele deve ela ir ter quando lhe faltar o dinheiro, e faça-o assim certo. Leve-a pela vaidade de grande governo; mostre espantar-se do muito a que chegam as suas tarefas. Não se vê bom alfaiate onde há muito pano, nem bom cocheiro nas ruas largas. Se a mulher é ganianciosa, para o seguinte mês dê-lhe para gastar um terço menos.

Para que lhe não seja molesto o ela estar pedir-lhe constantemente contas, dê-lhe contas o seu marido de aquilo que ela gasta, e corre pela sua conta. Mostrar-lhes confiança obriga-as a que façam o mesmo.

Estas contas entre casados, não seria eu de parecer que jamais se ajustassem, nem levassem a cabo; seja só reconhecimento, que na mulher haja ao marido. Tira-se de aqui uma grande conveniência, a qual é, que a mulher não é senhora disso mesmo que possui. Igualmente convêm que gaste a medo, e goze a medo; mas jamais seja despojada do que goza, porque assim agradece, tanto o que lhe deram, como aquilo que não lhe tiram.

Agora inventou a cautela outras cautelas, contra esta boa política: ajustando-se logo nos contratos do casamento (especialmente entre pessoas poderosas) os elementos que hão de ter os maridos e a suas mulheres, durando o matrimónio. A quem se comprometeu assim, aconselharei que o

satisfaça; a quem não se comprometeu, aconselharei que o não faça. Não é, a este propósito, pequeno o inconveniente que há quando se casa com uma filha herdeira; as quais com maior razão pretendem ser senhoras do que é seu, e ter na governança dos seus bens maior mão que os seus maridos; daí advém termos tido algumas discórdias entre o Rei Dom Fernando, e Dona Isabel. Quando a mulher tal pretende, certifique-a o seu marido, que quem é senhor da sua pessoa e da sua vida, também o é dos seus bens. Quem dá um anel de diamantes numa caixinha de veludo, não dá também a caixa, como deu o anel?

* * *

Não há razão para que me detenha no modo de vestir da mulher. Que se vista conforme a sua idade e mude-se com ela. No entanto, deve ter nisto, respeito aos filhos, à saúde, ao gosto, à presença ou à ausência do marido, e também à idade dele. Se tivesse de impor regra diria que até ter três filhos e até aos vinte e cinco anos se permite toda a gala. E ainda nesse mesmo modo que tenha as suas crescentes e minguantes.

Aborrecem aquelas que andam muito enfeitadas, sempre de bordados, e joias, que parecem ter fama de procissão, ou atrizes de comédias. Seja mais

confiada em si a formosura se são formosas; e mais reportada a fealdade se são feias.

Dizia um marido galante à sua mulher destas muito arraiadas: Que em a vendo naquela maneira, lhe fazia mais devoção a ele que amor; porque aquele seu andar, não de era por andar vestida, mas sim revestida.

Muito conforme a elas é o cheiro; mulheres, e perfumes, tudo são fumos. E se eles sãos bem adubados de discrição, penso que recendessem mais ainda.

Lembra-me ter ouvido, e lido do Imperador Dom Fernando II, pai do que hoje impera (se ele impera) que, não quis dormir num quarto, porque lho tinham perfumado. Se foi cheiro de natural repugnância, é desculpável; se não era mais que hombridade, ainda não vi eu maior impertinência. Há quem diga que foi religião; porque dizem que Dom Fernando julgava que os cheiros eram só devidos a Deus.

Do nosso Rei D. Sebastião também contam, não ser muito apreciador de cheiros. Não sei se isto é verdade! Porque como eu sempre ouvi chamar reais a todas as coisas boas, julgava sermos obrigados a crer que todas as coisas boas eram reais; eram, digo eu, aceites e dignas dos Reis. A experiência mostra por vezes que esta regra não é infalível. Contudo pensa-

se ser sinal de ter um bom espirito quem tem inclinação para todas as coisas boas.

Não sei se nestes perfumes das mulheres entram tantas filosofias; mas ainda que não sejam virtude, contentemo-nos com que não sejam vicio.

Direi dos regalos, doces, e conservas o mesmo; se bem que estes géneros, como sendo necessários, por razão da saúde, da caridade, e da grandeza (que tudo é necessário) não devem faltar nunca; mas nunca faça com que destes tenha que sobeja e das outras coisas mais necessárias se tenha falta.

Contudo parece-me conveniente deixar gozar (digamo-lo assim) as mulheres nestas suas curiosidades feminis: deixá-las fazer e prezar a técnica para as melhores marmelada, as boas caçoulas, consoadas pontuais, lavores esquisitos, pano delgado, e coisas semelhantes; que verdadeiramente as que se ocupam nessas ocupações caseiras, não se lembram de outras; e isto é louvável.

Debaixo da mesma lei ponho a tarefa dos adornos e decorações de casa, julgando ser excelente ocupação de uma senhora; e ao seu marido louvarei muito, que em tal exercício a ajude sempre. Honram, alegram, servem e, enfim, é tesouro que se faz para as filhas, e em que se ganha ás vezes mais

que em mandar encomendas vindas da India; porque para levantar o falso testemunho de um dote de tantos mil cruzados, não há reposteiro velho, nem tapete que não valha a cento por cento.

Visitas que se fazem, e que se recebem, é um largo perigo. Já atrás tinha tocado no assunto, mas não à minha vontade. Muito havia aqui que advertir, mas nem tudo é para papel e tinta.

Por certo que não deixarei de contar o que me contava um homem discreto, e não bem casado, que havendo-me contado muitas queixas da sua mulher, rematou com esta no fim de tudo: "Mas o que mais lamento dela, é ter demasiado amigas. Pois, de verdade, muitas amigas é coisa para ter cuidado, porque nem todas podem ser como deviam de ser as amigas."

Uma coisa que antigamente entre as amigas se chamava púcaro de água, passou a ser merenda, e de merenda a banquete; e de banquete tem já subido a tanto, que não se acha agora nome, ou pelo menos eu não lho sei dar. Não sei como pode ser boa amizade, andarem-se a destruir as amigas umas ás outras, empenhando as casas com excessos, desgostando os maridos com pedidos impertinentes, de perigoso e de impossível despacho. Se este excesso se encaminha a mostrar grandeza, certamente indigna é a

amizade que tem a gula por seu fim; se a ostentar grandeza, como se pode conseguir a grandeza pelos meios que se alcança amizade, que entre todos os porque se alcança, nenhuns são tão próprios como o gasto desordenado?

Tinha adoecido um fidalgo com pena de se ver empenhado sem propósito, pelos despropósitos com que a sua mulher gastava o que não tinha; um dia, estando com grandes febres, viu em casa um prato cheio de cidrões(*) moles, com que, apesar do seu alto preço, a mulher servia habitualmente nestes seus convites.

[(*) Um fruto mediterrâneo, praticamente esquecido nos dias de hoje, porque não nasce na natureza e só se cria através do excerto de árvores. Para quem não sabe, o excerto é uma técnica milenar na qual se planta a haste de uma árvore ao tronco cortado de outra, unindo-se os caules através da seiva. Se o processo for bem feito, e as árvores forem compatíveis, daí resulta novos frutos e flores. O cidrão é um citrino que resultou do cruzamento entre a toranja, a tangerina e a laranja de Sevilha. É um pouco mais pequeno do que a toranja e a casca é rugosa, de cor verde amarelada. Hoje em dia usa-se geralmente cristalizado e muito raramente é consumido de outra forma por ser muito azedo.]

Dizem que disse então o pobre doente: "Dê-me cá um cidrão, que o quero comer todo." Pediu-lhe a mulher que tal não fizesse, porque o cidrão era como o fogo para quem se acha naquele estado. Respondeu ele então: "Bem sei que é fogo, que bem abrasado me tem; mas deixai-me ver se por acaso

tem o cidrão a mesma virtude que o cão, do qual se diz que a sua mordedora cura-se com uns poucos de pêlos do mesmo."

* * *

Faça o marido de vez em quando uma repreensão à sua mulher; censure-a, que nem no seu estrado, nem no alheio pode ninguém. É coisa muito certa que as que recebem apupos, sendo mulheres, também os lançam; e de que, se homens, logo lançam mão para queixas, ou agradecimentos. Que não desenrole os tratos alheios, se fulano olha, ou se passeia a fulana. Parece coisa imprópria, que uma senhora saiba mais que si e da sua casa, e traga registados os pensamentos do outro. Nunca a algum homem deve ela louvar ou injuriar. É nas mulheres este diverso efeito (muito comum) procedido de uma própria causa. De aqueles de quem muito mal se diz, e de aqueles de quem muito bem se conta, julguei sempre um igual mistério; e foi o pior, que nunca me enganei nestas sentenças. Que seja prática das mulheres queixar-se das criadas ou que se queixem dos desapegos dos seus maridos, dou-lhes licença; mas não que levantem falso testemunho aos homens.

E porque sei que hão de pedir maior liberdade para sua conversação, parece-me que lhes podemos conceder o facto de que possam estranhar o bem ou mal feito vestido que traz Dona fulana; e quanto muito, chegar a não lhe parecer bem as cores, de que o tingiu, contando que lhas não interpretem.

Volto ao assunto das amigas e reparo muito que no nosso bom português, muita aclamam que entre amigas e inimigas quase não há diferença. Sou tão ruim, que creio que muito mais dano fazem as amigas no mundo, que as inimigas. E assim costumo eu a dizer, que os homens perdem-se graças aos seus inimigos, e as mulheres graças às suas amigas.

Havendo-as, que se contem entre sendo as melhores; e estas não sejam tratadas com porfia; basta que sejam tratadas sem artifícios. E esta tal amizade assento eu entre especialidade, e comprimento. Isto com as mais amigas.

Trouxemos a Deus agora (com todo o mais de bem veio a este Reino) um novo Paço, e Corte; e porque da do tempo passado nos não lembramos da que vivemos agora, mal poderemos governar estas ações por outras antigas.

A Corte Portuguesa era bem frequentada, bem galante, e bem luzida, mas de grande recolhimento.

As idas ao Paço são devidas, justas, e boas; mas ás vezes devem de ser contadas. Nascimentos de Infantes, bodas, festas de fim de ano, doenças de Príncipes, a sua recuperação, notícias notáveis, e pouco mais que isto. Ir só e sem acompanhamento, não é elegante; seja a companhia sempre boa, mas não de pessoa maior (salvo a primeira vez) cuja autoridade some o agasalho, que cada um deseja de se achar na graça dos Reis, nas suas casas, e nas de qualquer hóspede.

Acontece que muitas mulheres, muito para isso, começam a cobrar (veemente) para serem bem vistas das Rainhas e Princesas e que não vendo resultado têm uma grande inquietação. E sucede mais, que para dourarem a sua ligeireza, vão com os maridos como dizem que fazem os negros dos mercadores, que em indo por onde querem, tapam a boca aos amos com a dizer-lhes, que foram ouvir Missa. Vem muitas vezes o lícito a ser capa e manto do ilícito. Com as desculpas de que vão ao Paço, gasta-se o tempo em ociosidades; e a casa desgoverna-se.

À mulher nobre basta-lhe que a sua Rainha a conheça. Em melhor conta a Rainha a terá quando vir o juízo com que procede, as poucas vezes que a

vir. O correio extraordinário a todos alvoroça quando chega; o correio comum vai, e vem, sem ninguém fazer caso dele.

Ás pessoas de fora do serviço dos Príncipes, é custosa, e arriscada a pretensão do seu favor. Punha um grande Cortesão a servir ás damas e aos Reis como no uso que dá ao limão e à laranja: que o limão quer que o apertem muito para dar melhor sumo; a laranja quer-se espremida muito ao de leve, porque logo se amarga em apertando em demasia. As Damas querem ser assistidas; os Reis vistos à boamente. Por isso já disse alguém, que os Príncipes e o fogo, se queriam tratados de longe, porque perto queimam, e longe iluminam.

Estar presente em todas as festas, certo é que é grande castigo. As festas de beneficência para as Igrejas, que entre nós são mais frequentes, ninguém pode duvidar que é lícito ir a elas; mas nem todas as coisas lícitas são sempre convenientes. Que se dê confiança suficiente à mulher para crer que ela pode ir a todas as festas, mas com amor, e cortesia faça-lhe ver que não pode ir a todas.

Sobre uma mulher em que que não havia festa em que ela não se achasse, dizia um: A senhora fulana pena em glória. Porque verdadeiramente parece um novo género de Purgatório não haver festa, onde a mulher não queira estar presente.

Perguntaram a um casado, onde ia a sua mulher à missa e ele dizia: "Onde se ouvir charamelas."

Eu conheci ainda em Castela uma titular velha, e graciosa, e por acaso honrada, que quando se metia no coche, e lhe perguntava o cocheiro, a onde quer ir? Respondia ela: “*A donde huviere más gente.*” (A onde houver mais gente)

* * *

Ora já que estou a ser tão pormenorizo nos conselhos, hei-me de aventurar-me um pouco mais; servirá de alegrar a melancolia, que até aqui guardámos.

Senhor N., não gosto nada de cachorrinhos enfeitados que parecem ter sempre tem nomes misteriosos. Já me sucedeu numa Igreja vir-me perguntar um pajem esbaforido, se vira eu por ali o "Cuidado" da senhora Dona fulana, que andava perdido; e perguntando, qual era o cuidado (problema) daquela senhora, que podia muito bem ter muitos, descobri que era um cachorrinho com esse nome.

Papagaios e periquitos, são estorvos muito escusados. Senhor meu, os mineiros pelas ervas, pelas flores, que dá a terra cá por fora, conhecem logo qual tem ouro lá dentro, e qual não tem ouro. Tanto podem os sinais exteriores.

Mas estou a ser tão impertinente, que nem pássaros hei de aconselhar a ter. Rouxinol que todo o ano canta de noite, e dizem que faz saudades, de que serve? De que servem saudades estando o marido em casa? Não convêm que haja saudades neste tempo, nem que se conheçam.

Juro a vossa senhoria que toda a vida me enfadaram as damas dos livros de Cavalarias, porque sempre as achava acompanhadas de cães, de leões, e de anãos. Tão inimigo sou destas tais sevandilhas, que até em livros mentirosos as sofro. Mas o que é humor, ou capricho meu, não é razão que se assente por regra geral. Seja advertido para quem tiver outro tão mau gosto.

Os Castelhanos celebram muito as mulheres caseiras, que tratam do serviço das suas casas. Verdadeiramente eles as festejarão tanto porque colhem lá delas tão pouca novidade, que vem a ser novidade encontrar-se na rua uma destas mulheres. Contudo ouvi da Rainha D. Margarida de Áustria (mãe de el-rei Dom Felipe que hoje reina) e das suas Damas, que

mandava vender a suas obras de costura e aplicava em esmolas para regalos das Freiras da Encarnação, os seus ganhos. Ou como, por melhor exemplo, dizem que faz hoje o mesmo a Rainha nossa senhora, imitando as nossas antigas Princesas, entre as quais foi neste virtuoso exercício sinalada a Rainha D. Caterina, tia da Sereníssima Rainha nossa senhora, de quem se diz se dava tão bem neste honesto e piedoso trato, que enriquecia os mosteiros pobres do Reino; dos quais muitos guardam todavia singulares adornos feitos pelas mãos daquela santa Princesa.

Não cansa a minha Margarida de Valões, Rainha que foi de França, e Navarra. Chamo-lhe "minha" pela grande afeição que tenho aos seus escritos; e porque foi, ao meu juízo, a mais virtuosa mulher dos nossos tempos; cujas ações foram muitos caluniadas e eu espero brevemente defender no meu Teodósio. (*)

[(*) Teodósio foi o último imperador de Roma. Após ele nunca mais Roma foi governada por um só homem até o império se desfazer por completo. É conhecido principalmente pelo Édito de Tessalónica, que instituiu o cristianismo como religião oficial do império justificando o porquê do povo romano dever praticar a religião cristã. Tal édito vinha desfazer o Édito de Constantino no qual era instituída a liberdade de culto no império romano e a condenação das perseguições religiosas. "Defender o meu Teodósio" é pois uma expressão que significa "defender a minha causa".]

Não cansa, digo, esta entendidíssima senhora de encarecer o bem que lhe pareceu ver desabotoar-se à Condessa de Lalaim, estando à mesa com a própria Rainha, e dando de mamar a um filhinho seu, que aos seus peitos criava. Gozava a Francesa grandemente aquela caseira ação da Condessa, e disse que nunca teve inveja de feitos de mulher, como aquele.

Há umas mulheres ídolos, que ou são inutilíssimas, ou se prezam de o ser e só lhes parece que nasceram para ser adoradas; e disso só querem servir-se. Ora eu contento-me com que não façam mais que o serviço nas suas casas. Sirva a mulher de ser senhora da sua casa, satisfaça as obrigações deste seu ofício: que assaz fará de serviço à sua casa e ao seu marido, se o fizer como deve.

* * *

Que pensará vossa senhoria se eu disser mal das varonis(*)?

[(*) Varonil = viril, audacioso, corajoso, firme e energético.]

Ó senhor N. eu fundo-me em razão. Se eu tivesse por certo que o grande coração da mulher se tivesse de ocupar de com valores de homem, bem este lhe sofria. Sem dúvida digo-lhes que tenham medo de um rato; que desmaiem em vendo espada nua; que um trovão seja para elas um dia do juízo final. Deus criou-as fracas, portanto que sejam fracas; e oxalá façam o que são obrigadas. Não lhes quero pedir mais do que a sua obrigação.

Já sei que desta ficaram todas de mal comigo. Não vale a pena discorrer pelo seu entendimento, nem dar regras a coisa que serve de dar regra ás outras coisas; atrevi-me apenas a oferecer preceitos sobre o amor, que é ainda afeto mais livre. Não temo já de os dar para o entender.

Hei de estranhar por força um dito daquele nosso tão nomeado, e tanto para nomear, Bispo Don Afonso, que dizia: "A mulher que mais sabe é aquela que apenas sabe arrumar uma arca de roupa branca". Nem sentirei melhor do outro que afirmava: "Que a mais sabida mulher, sabia como duas mulheres."

Sou de muito diferente opinião, e creio certo que há muitas de grande juízo. Vi e conheci algumas em Espanha, e fora dela. Por isto mesmo me parece que essa sua agilidade no perceber no e discorrer, em que nos ganham vantagem, é necessário tempera-la com grande cautela.

A este juízo não se pode pôr lei alguma; aos exercícios sim. Como se agora a um homem fosse dada uma navalha de finíssimo aço, para que fizesse um feito ruim; mas estando ela ainda por afiar, aquele que lhe escondesse a pedra em que a queria afiar, fazia o mesmo que se lha tirasse da mão, e escusasse o malefício.

Assim, pois, não nos é lícito privarmos as mulheres do subtilíssimo metal do entendimento, com que as forjou a natureza; podemos, se quisermos, desviar-lhe as ocasiões de que o agucem para seu perigo e nosso dano. Façamos, senhor N. o que podemos.

Nos assuntos e negócios dos homens não se metam as mulheres, fiadas em que também tem como nós entendimento e em que a alma não é macho, nem fêmea, como uma no seu favor alegava. Mas saibam os maridos que nem por esta regra, que lhes ponho, é justo que a mulher sisuda deixe de dar ao seu marido, modestamente, o seu parecer; nem deixa ele de ser obrigado a lho pedir.

Não pense vossa senhoria que me contradigo, ou arrependo do que escrevi acima; declaro-me com um bom semelhante. Seja a mulher como os ponteiros do relógio, e o marido seja o relógio. Aponte ela, e diga ele as horas. Um mostre, outro resolva; que andando desta maneira temperado o relógio, todos o crê e todos o tem por oráculo. Não só se concerta a si

mesmo, mas faz andar aos outros concertados. E ao contrário, se se desconcerta, também desconcertará os outros.

Ó, como folgo de ver uma mulher ignorar aquilo que não é razão de

a saber! Mas que verdadeiramente o saiba. Acho grande perfeição quando erram aquelas coisas que lhe podiam pôr imperfeição se as acertassem.

Entenda a mulher em ser mulher; seja tal a sua lição quando ler; a sua pratica quando praticar; e tal o mesmo que se lhe ler, e que se lhe praticar.

Pois comecei com os meus adágios, hei de acabar com eles. Ouvi um dia caminhando, e não era ele menos que a um chapado recoveiro (veja vossa senhoria que enjeitei os Filósofos, para citar estes autores) enfim ouvi-lhe, que Deus o guardasse das mulas que faz "him", e da mulher que sabe latim. O riso e gosto com que lhe escutei esta engraçada sentença faz-me agora lembrar dela; não se julgue por indecente, se é proveitosa. O ponto está em que o latim não é o que dana; mas o que consigo trás de outros saberes envoltos naquele saber.

Já que estou ao fogo, e como desde este lugar falo a vossa senhoria e vossa senhoria me ouve, e me perdoa, irá outra não pior história. Confessava-se uma mulher honrada a um frade velho, e rabugento; e porque começou a dizer em latim a confissão, perguntou-lhe o confessor: "Sabeis

latim?" Disse-lhe ela: "Padre, criei-me num mosteiro". Tornou-lhe ele a perguntar: "Que estado tendes?" Respondeu-lhe ela: "Casada." A que replicou: "Onde está o vosso marido?" "Na India meu Padre" (disse ela.) Então com agudeza repetiu o velho: "Tende mão filha. Sabeis latim, criastes-vos num mosteiro, tendes marido na India? Ora ide-vos embora e vinde cá noutro dia, que certamente muitos pecados tereis a confessar, e eu hoje estou com muito depressa."

Tomara que as mulheres não soubessem de guerras, nem estados, nem procurassem inteirar-se disso. Enfadam-me umas que se metem em eleições de governos, julgamentos de brigas, prática desafios e demandas. Outras que se prezam de entender versos, abocanham em linguagens alheias, tratam questões de amor, e de fineza, decoram perguntas para gente valorosas, trazem na memória motes dificultosos. Umas que dão significação ás ervas, ao significado das cores, outras que as tem da sua tenção; outras que examinam pregações, que lhe tomam palavras; outras que as usam esquisitas e falam por circunlóquios, que tem modos de gabar fora do uso; que praticam ao som do meneio das mãos, ou do movimento dos olhos. Fora tudo isto, que parece ficção, nem verdadeiro, nem fingido, é bem que seja. Não me tenha vossa senhoria por mal caluniador mas, em verdade, tudo o que aponto é digno de ser lembrado.

Pedia uma Dama a um seu irmão, homem valoroso, que lhe desse determinada quantia para uma certa empresa sua; respondeu-lhe: "A minha irmã, deixai as empresas para as adagas dos cavaleiros andantes; as empresas, que haveis de fazer que os sejam os chavões (utensílio de cozinha) para fazerdes bolos ao vosso marido quando o tiveres."

Falar sempre, é mau; falar rijo é malíssimo; e em lugares indecentes pior que tudo. Acontece que muitas que se prezam de serem discretas, respondem alto nas igrejas para que as ouçam, e aplaudam. Entendem-se com as amigas, que lhes estão longe de tal modo a fim de serem ouvidas.

Também o suspirar à pregação, fazer gestos com a cabeça, como se contenta o que se disse, rezar desentoadamente, compassar a música, são coisas condenáveis.

Fale a mulher discreta o necessário, brando, a tempo, com tom que baste para ser ouvida da pessoa a quem fala; e não das outras. Comparou bem um conhecido meu as pessoas com os sinos, que pela voz se conhece se estão bons ou quebrados. Escuso de lembrar como as palavras informam do ânimo da pessoa; porque assim como pelo correio que vem de tal parte, sabemos as novas que lá vão, assim pelas palavras, que vem do juízo, sabemos o que lá vai.

Elas já sei que me terão por suspeito; pois até os movimentos lhes hei de medir. Uma das terríveis coisas que há na mulher é usar gestos descompostos. Sei que nem todas podem ser airosas mas graves, todas o podem ser. Faz grande dano uma maldita palavra, que se nos pegou de Castela, a que chamam despejo, de que muitas se prezam; e certo que, em bom Português, despejo é descompostura. Outra explicação lhe hei de eu de dar, mas esta baste. E claro está, que o despejo é coisa ruim, porque o pejo era coisa boa. Nada disto se lhe perdoe, sendo, senhor meu, tão importante que estes costumes exteriores andem concertados, como é a formosa fronte de um nobre edifício, para que se tenha por nobre.

Ora do riso que diremos? Pois se elas tem bons dentes e tem aquilo a que chamam graça na boca e cova na face, aí lhe digo eu a vossa senhoria que está o perigo. Há mulher destas, que rirá a todo o sermão da missa, somente para mostrar aquele seu tesouro. Não disse Platão, nem Séneca, coisa melhor que o que disseram as nossas velhas: "Muito riso, pouco siso".

Longe estou de persuadir a mulher para que seja melancólica porque a que anda sempre triste induz pouca satisfação com a sua vida. Alegre-se, e ria-se na sua casa, à sua mesa, e nas conversas com o seu marido, filhos, e familiares; deixe o riso em casa, quando sair. Tal como a serpente que

vomita a peçonha antes de beber e depois que bebe, torna outra vez a recolher a sua peçonha. (*) Venha a mulher para casa, e tome a sua boa graça.

[(*) Nenhuma cobra faz isto, claro. Era no entendimento prosaico e ingénuo da altura supor que as cobras, para não beberem o próprio veneno, cuspiam-no antes de matar a sede e voltavam-no a sorver depois.]

Ainda fico com escrúpulos sobre a lição em que muitas se ocupam. O melhor livro é a almofada, mas nem por isso lhe negarei o exercício deles. Essas que querem ler sempre comédias, e que sabem romances de cor, e que os dizem ás vezes entoados, não as gabo. Outras matam-se por livros de novelas outros por romances de cavalaria. Nisto é mais perigosa a afeição, que o uso. Bem vejo que se lhes pode permitir este desenfado; mas que se veja com maior cautela aquelas que excessivamente se entregarem a isso, visto que podemos temer se neles ama antes a semelhança dos pensamentos, que a variedade da lição. Não quero que ninguém goste senão daquilo de que é justo que tenha gosto.

Contarei a vossa senhoria uma coisa que o meu pesar me lembra. Caminhava eu por Espanha, e entrando numa pousada bem cheio de neve, não houve nenhuma preocupação para que a hospedeira, ou suas filhas, que

eram duas, me quisessem me recolher e dar um aposento; e quanto eu mais apertava, desenganavam-me dizendo de que nenhuma se levantaria de onde estava, sem acabar de ouvir ler certa novela, cuja história ia muito gostosa, e enredada. E tal era a sofreguidão com que ouviam, que nem ameaçadas com as palavras de que iria para outra pousada, quiseram desistir do seu exercício; em vez disso convidavam-me para que ouvisse as lindas palavras que o Cardénio estava a dizer à Estefânia. Enfim, acabei por me ir apear a outra parte, e passando ao fim de um algum tempo por aquele lugar, e perguntando pela curiosa leitora, e ouvintes, disseram-me que cada uma das filhas daquela estalajadeira fizera a sua própria novela, fugindo com o seu mancebo do lugar, como boas aprendizes da doutrina, que tão bem estudaram.

* * *

Passemos então agora à santimónia, ou melhor dizendo, à beataria. Tenho cansado vossa senhoria mas se quisesse que eu saltasse este assunto, receio que não o possa. A matéria é das mais importantes; procure vossa senhoria (mas que se force) a ouvir-me com nova atenção, que eu também renovando o cuidado, hei de procurar falar a vossa senhoria

Muitas pessoas de grande porte, e excelente natureza, a título de virtude, temos visto cair em vida desordenada. O nosso inimigo o demónio há de ás vezes connosco, como um homem quando busca outro que, se o topa num caminho, e vê que vem na sua direção, ali o espera; e se vê que se desvia para outra parte, então estuga o passo, e segue-o até alcança-lo. As pessoas que vivem mal, muitas vezes ele não lhes sai ao encontro, porque sabe que vem direitas a ele; mas as que vivem bem, atrás dessas se lança com maior ligeireza.

A reformação dos costumes é causa boníssima e santíssima. Tem porém nas casadas o seu limite; de maneira, que por se darem de todo àqueles bons exercícios, não desamparem-nos da obrigação do seu estado; no qual Deus deixou virtude, e santidade bastante para que, sem saírem dele, se possam salvar todos, e todas, a quem compreende.

Andam pelo mundo espalhados uns homens e mulheres que fazem profissão em serem mestres da virtude, de que verdadeiramente não são discípulos. A este fim arrebatam, sem alguma prudência, os ânimos singelos e piedosos das Senhoras, e pessoas principais, que ás vezes guiam tão mal, como nos mostram mil exemplos, e como eles a si se têm guiado.

Convém que a casada tenha o seu confessor certo; e este seja pessoa grave, e conhecida, e daquelas Religiões que mais florescem no lugar de

onde se vive. Muitas Senhoras de grande estado vi confessar com os Curas, e Párocos das suas freguesias, julgando que eles sejam homens doutos, e sisudos, julgo por excelente costume. Pois como até na eleição de confessor pode haver desacerto, discreta resignação, e desconfiança seria não fiar do seu juízo coisa tão importante, e seguir aquela que a Igreja tem feito, entregando a sua consciência à pessoa a quem as entrega aquele a quem Deus, e o seu Vigário as tem entregado.

Tenham as Senhoras toda a piedade, e compaixão dos pobres, e afligidos. Mas umas devoções a beatas, e beatos extravagantes, não levam o meu parecer. Senhor N. freiras veleiras, que não sejam as serventes dos Conventos conhecidos, velhas iluminadas, professoras de novidades, que trazem orações e devoções de tantos dias, com tantas candeias, e de tal cor, porque logo Deus (como elas dizem) lhes mostra o que há de ser. Peço a vossa senhoria que tal coisa não admita.

Galantemente o advertiu o nosso Sá nos seus Vilhalpandos, espelho de graça, e cortesania. Quando a velha, que ensinava a matrona, mandou nove moças em romaria com velas de cera virgem para abrandar a condição do filho travesso; tornou a fazer a velha aquela tão estremada lembrança: Ouvis senhora; a cera das velas, convém que em todo o caso seja virgem: já

as moças, quer o sejam, quer não. Tais costumam ser aquelas suas devoções, tais as circunstâncias em que elas põem à força da sua virtude.

Umas a que chamam Madres, que se prezam de dizer coisas em segredo: se se casará, se terão filhos, se será o marido Governador de tal parte, se ficarão viúvas cedo; benzem enfermos, vão a santo André, gastam rolos com os seus nós todo o ano; afirmam, que a alma do parente não esteve mais que três dias no Purgatório... proteja-se e fuja, senhor, de tudo isto como do próprio inferno.

Vejo que já me estão perguntando, como lidar com o trato dos frades? Responderei com a reposta de um cortesão, ou aconselharei com o seu conselho. Dizia este, sendo assim perguntado: Olhai, eu sou amicíssimo dos frades; se não são bons, não lhes quero dar ocasião na minha casa para que sejam piores; se são bons, não lhes quero dar ocasião na minha casa para que o não sejam; de sorte que sempre os amo, e sempre os dispenso.

Outro mais escrupuloso dizia que só em quatro lugares lhe pareciam estar bem os Religiosos: no Altar, no Púlpito e no Confessionário; e perguntando-lhe qual era o quarto lugar, responde: Pintados nos quadros.

É lícito que o parente Religioso veja a mulher do seu parente, ou sua parenta. Venha a casa, ajude a alegrar nas ocasiões de contentamento e a consolar nas de desgosto; que componha a discórdia, se esta tiver ocorrido

entre os casados. E que o mesmo faça o Prelado da Religião, o homem douto, e virtuoso dela. Receba-o sempre o marido nas suas visitações, que então fica a prática mais universal, e a visita mais solene.

Enfada-me (e é para isso) o modo de ser de alguns homens, que em lhe chegando o Frade, ou pessoa de que eles não gostam, à sala, encaminham-no para a Dona fulana, e para se verem livres da impertinência, ou peditório de alguns tais mensageiros, lançam-os à pobre mulher, como quem lança um odre de vento a um touro, em que desbrave. É este um mal considerado grave.

Também o ser descortês com os Religiosos, e ficar como um potro espantadiço, tendo medo de qualquer argueiro que voa pelo ar, é andar muito por ele. A mulher se desconfia, vendo o pouco que fiam dela, escandaliza-se a casa, o senhor afronta-se, e nada fica melhorado.

O importante é reduzir as beatarias da mulher casada, em ser muito amiga de Deus e muito temerosa dele. Estudar as obrigações do seu estado, ouvir a missa no seu oratório à semana, e ao Domingo ir à igreja, é bem louvável. Mais do que isso é exagero. Nos dias de festa santa será conveniente acompanhar-se da parenta ou da amiga; ir cedo e não entrar na casa de Deus com o mesmo estrondo com que se entrar numa batalha, destroçando e atropelando o povo, que se queixa, e murmura contra ela. Esta é manha de

algumas Senhoras, e não por certo boa manha. É também importante que não seja a última que saia, nem a primeira.

Tinha também que dizer a umas que comem nas igrejas, para ficar para a tarde; a outras, que sem propósito se levantam mil vezes a cada hora depois de rezar de joelhos, não sendo tempo. O uso das penitências, para quem as usa, é saudável. Na mulher que as aprende, convém que se moderem.

Há uns casados tão indiscretos que se desviam da mortificação, quando algum a quer receber. Isto não deve ser assim; porque quem ama a pessoa, muito mais deve amar o espirito. A mulher boa, que sem excesso se mortifica, é digníssima de que se lhe dê todo o azo e licença, para que prossiga na sua oração, e mais exercícios santos. Ao marido o mesmo que à mulher; que o contrário, é amar de gentilidade.

Duvido (ou não sei se não duvido) de que seja conveniente a amizade de casadas com freiras. Isto podia ser mais e menos tolerável, segundo fosse mais ou menos frequente. Por coisa tenho senhoril, ter boa amizade com uma Religiosa, que as mais delas, ou são santas, ou discretas, curiosas, e pessoas de estima: quando o negócio não chega a amores impertinentes, escritos de cada dia, ciúmes de cada hora, presentes, e viagens de todo o ano. O resto; como digo, antes fosse bem permitido; e que a casada mandasse à freira os seus presentes, por festas, e a visse por festa.

Não tenho aqui que dizer mais, e antes julgo que fui sobejo. Salvo se acrescentar um aviso de última coisa, com que há muito que tenho azar; a qual é ver a umas mulheres andar sempre em festas santas, pedindo-as, prometendo-as, e aceitando-as com o pretexto que elas querem. Falei já no servir a Deus, quão bem parecia: mas nesta matéria creio que há não pouco inconveniente; porque ás vezes uma senhora a troco de se não escusar de receber uma capela, e um ramalhete numa salva, julgando que se apouca em a não aceitar a aceita, e põe depois o seu marido em maior vergonha; ou não a festa, ou fazendo-a mal; do que ela se ficara escusando-se dela. Até a estas coisas alcança a obediência, que aos maridos se deve.

* * *

Ande a mulher toda vestida, e sempre composta pela sua casa, e jamais a vejam s seus criados em veste indecente. Como para ela não é bem que haja outro mundo que o seu marido, creia que assim convém aparecer ao seu marido, como se aparecesse a todo o mundo.

Estou de candeias ás avessas com um novo costume de se usar umas capinhas, que não sei de onde vieram; porque me não lembro que tal visse em nenhuma parte. Ora seja, ou não seja, de outra nação, ele não é trajo

autorizado, nem (a meu juízo) decente; e já tão vulgar, que isso mesmo pudera ser o seu desprezo. Podendo-se com mais razão dizer das tais capinhas, o que dizia um pechoso pelas violas, que sendo excelente instrumento, bastava saber que a tangesse negros e patifes, para que nenhum honrado a pusesse nos peitos.

Chega o desatento a tanto que nesse traje já se aceitam visitas; isto é coisa para muito evitar, por ser tão pouco airosa para quem a oferece, como para quem a recebe. Ambas as pessoas desestima, quem a sua mostra sem compostura a outra pessoa. Ao que bem aludia um cortesão, que sendo convidado de um amigo, e dele mal agasalhado, disse-lhe: Não julguei que eramos tão amigos.

* * *

Há homens fáceis em mostrar aos seus amigos a sua mulher. E suposto que este costume diz simplicidade de ânimo, e é usado entre os estrangeiros: todavia nem hoje está o mundo para que um só queira ser esse simplíssimo, nem ainda nesses que o costumam fazer, deixam de estar sucedendo casos, que os puderam muito bem haver feito mudar esse costume.

Convidava (em Espanha) um senhor fidalgo e bem casado a alguns amigos seus de alta condição; quis que vissem a sua mulher; ela escusou-se mas, no final acabaram por a visitar. Depois à mesa quis o seu marido que ela também comesse e honrasse os hóspedes; retirou-se, e sendo apertada com recados, respondeu em sua própria língua: "*Dezid al Duque, que si me hiço baxila, no me hará vianda.*", querendo dizer, com agudeza Castelhana, que já que como baixela (loiça de mesa cara) a fizera mostrar, que não quisesse também a dar como iguaria.

Que o senhor leve algumas vezes o parente, o amigo, o ministro, o prelado, o estrangeiro, e homem douto, e principalmente o homem bom, a sua casa e lhes faça convite; não só o não estranho, mas o louvo. É coisa honrada e que faz os homens bem vistos. Não deve evita-lo a sua mulher, antes com todo o concerto decente dispor que se ministre: honrando ao seu marido naquela ação, com o que os muito ásperos se obrigam; porque os corações nobres, muito mais se satisfazem em ver que se ama o que eles amam do que ainda de serem por si mesmo amados.

* * *

Hei de ainda dizer sobre umas, que se prezam de matronas e que, quer bem, quer mal, querem elas ser os senhores das suas casas. Estas pretendem, na sua maioria, ser muito honradas, muito sabedoras ou muito ilustres. E ás vezes sem nenhuma destas qualidades, elas dão-se a tal manha que o conseguem, especialmente dos maridos bons, simples, e divertidos.

Vigie logo ao princípio aquele que tais pensamentos descobrir na sua mulher; porque se vir que a deixam senhorear-se, tantas o intentará, até que ela seja senhora e ele servo. Dizia um sobre tal caso à sua mulher: "Senhora hei-vos de levar à casa do vosso pai, e hei de pedir-lhe, por justiça, que me dê a minha mulher"; e perguntando ela porquê? Respondeu ele: "Porque vós não sois minha mulher, mas meu marido."

E a mim me dizia um distinto e galante casado que "deixarem as mulheres mandar nos seus maridos era impossível; mas que o que estava à conta dos homens honrados, era fazerem que isto fosse o mais tarde que pudesse ser." Eu não me contentara com menos, senão que nunca tal acontecesse; dando muito bem por escusadas essas matronarias.

Desejei mandar uma cadeia de ouro a uma casada num dia que estava a chover, e ela, não querendo ir para fora, chamou um pajem e disse-lhe: "diz ao teu senhor que me mande dizer se chove, porque me não fio nestes e por

isso escusarei de sair." Ó que discretíssima ignorância! O que invenção de obediência, tanto para ser obedecida!

* * *

Parece Senhor N. que nos vamos esquecendo das coisas picantes, que dão mais contentamento e são salsa das outras; e de verdade não menos necessárias.

Ainda não falei no tráfego da casa. Isto é coisa que requer muita atenção. Quisera eu as casas de um só gargalo. Muitas portas, muitas serventias, não aprovo. As casas dos Reis e Príncipes têm infinitos guardas e porteiros; com isto se defendem de inconvenientes; como quem põe estrepes em muro baixo.

As casas dos fidalgos particulares, que não podem ter esses porteiros e portarias, necessitam de alguns criados velhos, e fieis, a quem os seus amos nomeiem vigias e sentinelas do seu decoro. Mas neste caso não descarregue neles todo o cuidado o marido; porque assim como na guerra (e eu o estou aqui vendo e ouvindo nesta torre) costumamos pôr soldados de posta; e nem com tudo isso se contenta a disciplina militar, a não ser na lança roldas e sobrerroldas, e sobre elas vão depois os oficiais a ver e vigiar o que fazem,

e o que vigiam os soldados que vigiam. Assim, nem mais nem menos, deve o senhor da casa "roldar", e vigiar os criados a que entrega o cuidado da sua honra.

Negras, e mulatas que saem fora, não tenha. Basta ser fecundas e inçam uma casa de tantas manchas (a meu ver) como quantas delas nascem; porque parece feia coisa andar uma tão vil licença aos olhos da senhora, e das criadas. Negrinhos, mulatinhos, filhos destas, são os mesmos diabos, ladinos, e chocarreiros, por castanhas trazem, e levam recados ás moças, e são delas favorecidos. Ciganas, ermitoas, mulheres que vende garavins (toucados para o cabelo), e bolotas para lenços: outras que traz doces, e os dão mais baratos do que valem, tudo é malíssimo. Mulheres mudas é peçonha. Lavandeiras, ramalheteiras, umas que vendem, e são freguesas, e com quem as criadas num instante armam contas de rações que lhes tocam, mostrando que não podem viver sem elas, são gente bem escusada. Os que adivinham, os que benzem, os chocarreiros, e mais os dos Príncipes, costumam ser atrevidos pelas entradas que lhes dão sem juízo. Uns trejeitadores, outros que fazem pregações, que arremedam animais, e gentes, são peçonha refinada; e as que em tudo o são, são umas que vendem dixes, águas de rosto, tiram pano, fazem sobrancelhas com linha, limpam o carão com vidro; homens de linhas, bufarinheiros, mulheres que pedem para uma certa Missa de esmolas, outras para amparar uma órfã.

Tudo isto Senhor, é uma casta de gente, que ferve ao redor das casas grandes, assim como o peixe que anda à lambujem do musgo da pedra. Apartam-se com dificuldade; sofrem-se com perigo. O seu estorvo requer tanta força, como arte; porque cada uma destas criaturas, pela maior parte, não pensa senão em enganar, levar, roubar, mentir e ás vezes (e não poucas) em fazer muito ruins mensagens, e trazer outras, em dano, e descredito das casas onde se consentem, que não seja a de vossa senhoria

Havia um fidalgo a que a filha estava doente e por isso guardava-a muito. Vinha uma ermitoa, falava ao pai, dava-lhe aquele ramo da parte de tal Santo; levava-lho ele mesmo com grande gosto, e era o próprio corretor da sua filha, servindo-lhe pela sua mão a peçonha dissimulada naquele ramalhete. Quem tal havia de pensar? Quanto por este, bem se podia (e por muitos) dizer o que diz o Romance: “*El aspid anda en las flores, alerta, alerta zagales.*” Tomado de aquele adagio latino, que entre as ervas mimosas latia o aspid peçonhento.

* * *

Costumam alguns homens de grande sorte introduzir as suas mulheres nas suas pretensões: entendendo quantos grandes negócios se acabaram já

por elas. Poucos são os casos, no meu juízo, em que me parece ser lícito ficar um homem passeando, e mandar a sua mulher que vá falar, e requerer por ele. A prisão do marido, a honra da sua casa, do seu ofício, do seu título, a vinda do marido ausente, e risco de morte do filho. Estas são, e não outras, as coisas que farão licita esta diligência, sempre perigosa, e não sempre proveitosa.

Um certo ministro grande costumava dar audiência ás senhoras fora da sua casa, num lugar tão decente que era demasiado recolhido. Levaram ali dois fidalgos as suas mulheres para semelhante negociação e deixando-as lá, saíram logo. Com isto vieram outros, e então disse um deles: Certo que fulano e fulano não fizeram bem em saírem porque estando ali autorizavam o seu negócio. Respondeu outro: Ride-vos disso, que fulano e fulano não são dos que querem autorizar o seu negócio; são dos que querem fazer o seu negócio.

Nunca será pouco louvar aquela sentença tão repetida do ilustríssimo Conde do Vimoso que diz: "Que perde a honra pelo negócio, perde o negócio, e mais a honra."

Senhor N. nenhum prudente, nenhum honrado pretenda com riscos suas melhoras. Que há de ganhar do por vir, quem logo de ante mão entra a perder? Os bons mercadores seguram as encomendas de maior valia.

Seja a mulher honrada, como dizem que é o Corpo Santo, que não aparece senão nas grandes tempestades, e sempre para solução delas. Acuda aos males da sua casa, aos trabalhos do seu marido, e dos seus filhos. Procure salva-lo, e salva-los deles. Seja a sua voz, não o seu requerente. Possa ser instrumento ao remédio da necessidade, não ao logro do interesse.

* * *

Obrigam-se muito as casadas de que os seus maridos lhes contem o que sabem, o que ouvem, e o que passa pelo lugar. Que os homens sejam secos, é meio caminho andado para serem aborrecidos; que sejam faladores, é todo o caminho andado para serem desprezados. Deve-se eleger um bom meio, de sorte que a mulher não julgue que o seu marido a tem em pouca conta, nem que ele aja de maneira, que em outra semelhante seja tido dela. As demais logo trazem decorado aquele ditado: "O que a mim me quer bem, diz-me do que sabe, dá-me do que tem."

Guarde-se o ilustre de contar à sua mulher as histórias passadas dos seus amores, e da sua juventude. Causam assim dois males: dar a conhecer ás mulheres a fraqueza da sua natureza, e darem a entender que como há outras pelo mundo, eles deixam-se enganar facilmente.

Por nenhum caso lhes sirva o prato da leviandade alheia; e naquelas coisas tão públicas, que se não puderem negar, pelo menos se desculpem, ou se desviem. Mostre-se sempre horror a tais sucessos; e havendo de praticar neles, carregue a culpa e causa à parte do marido, e a da mulher se desculpe. Dando assim a entender, que aquele que for bom marido, sempre terá mulher boa, como de comum sucede, e ele o espera de si e da sua.

* * *

Algumas vezes vemos, que a casada de grandíssima honra, trata, e acompanha confiadamente outras de não tão igual fama. Haja nisto grande atenção, e o melhor será escusa-lo de todo. A reputação é um espelho cristalino; qualquer toque o quebra, qualquer bafo o embaça. Elas quanto são mais seguras nos seus procedimentos, aventuram-se, pode ser, mais a tratar as que o não são. O vulgo, sempre cego, não sabe distinguir, ou não quer, o bom do mau. A maioria das vezes que se atira não se dá conta onde se atira, mas dá-se conta de ser perto do lugar onde se atira. Assim os maldizentes, indo a acusar a uma pessoa, não acertam logo; e por ventura caluniam as que andam junto dela.

Valho-me sempre das coisas naturais, e assombro-me de ser certo neste caso, considerando que uma só gota de tinta que caia numa redoma de água claríssima, basta, e sobra para a tornar turba; e que para aclarar e deixar limpa uma redoma de tinta não basta uma pipa de água clara. Assim costuma ser a má, e a boa fama, que a muito boa não pode acabar de purificar a ruim, e a ruim logo empece à muito boa. Noutro lugar dizia eu largamente: porque se nos não pega a saúde de igual maneira como se nos pega a doença? Notável coisa por certo! Lembrai-nos também da moral: O bem não é como se julga, o mal pode ser que si.

* * *

Gabar à mulher a formosura de outras é descortesia. Tal como o ar, a graça e as mais boas partes. Dê-lhe todavia regra para elogiar a condição, idade, parecer e boas qualidades da mulher própria; porque as que destes dotes são abundantes, podem ser mais confiadas.

Um fidalgo praticando com a sua mulher, na qual tinha de sobra a gentileza e a discrição, que faltava nele, exagerava por estremo a formosura e partes de outra mulher. Sofreu a própria quanto pode mas, chegando a demasia, disse-lhe: "Não seria preciso mais para me vingar das invejas que

me fazeis com tal fulana, que vê-la casada convosco, para vos não parecer nada disso, e para ver como ela se agiria quando vos me gabásseis outro tanto."

Não se nega porém ao marido que se possa mostrar galante com as damas e senhoras quando a ocasião for de galantaria; porque esta obrigação é do bom sangue; e quando não seja viciosa, antes virtude, não obriga contra ela o matrimónio. As próprias mulheres, se são generosas, folgam que os seus maridos se mostrem cortesãos onde o devem ser.

Estavam os Reis Católicos (*) para sair fora e a Rainha, à janela, vi-o passar o cavalo de El-rei que, passando ao lado da sua égua, que já ali estava, não fizera nenhuma bizarria. Gritou então Rainha, chamando o Estribeiro mor, e disse-lhe que mandasse cortar as pernas ao cavalo do marido porque não queria que El-rei voltasse a subir nele. E perguntando-lhe o Estribeiro mor que justificação daria a El-rei por tal feito, ela lhe respondeu: "*Porque passó sin relinchar a una iegua tã hermosa como la mia; i cavalo que es tan para poco, no hará cosu buena*." (Porque passou sem relinchar a uma égua tão formosa como a minha; e cavalo não presta para tão pouco, não fará coisa boa.)

[(*) Os Reis católicos é o nome pelo qual ficaram conhecidos a Dona Isabel I rainha de Castela e D. Fernando I rei de Aragão que pelo casamento e aliança souberam unir a maioria dos reinos da

península ibérica - com a exceção de Portugal - e acabar de conquistar o sul da península aos mouros. A filha de ambos, D. Joana foi o primeiro monarca da Espanha.]

Estas galantarias do marido não podem ser reciprocas para a mulher, que tem muito menos licenças, sem ter alguma razão de queixa; como acontece quando uma cidade tem muito menor comarca que a outra, e nem por isso terá justiça para a pretender igual.

Não gabe a mulher a outro homem diante do seu marido, salvo de aquelas coisas, que tidas, ou não tidas, vem a ser a mesma coisa.

Permites-lhe ao casado jovem ser loução (homem que cuida do seu aspeto) e usar de todos os adornos da sua pessoa que a um homem são decentes. Supomos que aquele é estado, a que se dirigia; e assim como no estado estão todas as coisas em maior perfeição que no aumento ou declinação, assim ao casado são lícitas todas as coisas pertencentes à perfeição dele. Os cheiros, as galas, os regalos para os casados, e para os namorados se fizeram; porque se deixa entender, que aqueles empregos nascem do cuidado da mulher, ou da dama; com o que se qualificam melhor, que se do próprio cuidado do varão nasceram.

Estas são das coisas que também trouxe a moda ao uso; e de verdade não julgo que viciou mas que melhorou. Os nossos velhos diziam: Que o

homem devia cheirar a pólvora, e a mulher a incenso. Aludiam à religião e à milícia em que os queriam a eles, e a elas, ocupados. Não há muitos anos que uma senhora fidalga, e não pouco gloriosa, censurou o cheiro de um cortesão; ele sabendo-o, mandou-lhe dizer que acabasse sua Senhoria consigo o cheirar a incenso, que ele acabaria logo consigo o cheirar a pólvora.

O arranjo dos aposentos do senhor, o asseio da sua pessoa, essas coisas que os antigos desprezavam, hoje são licitas, e não há vicio no seu uso, a não ser no seu abuso. Há diferença entre estar composto e entre estar abonecado.

E porque não nos desconsolemos de todo com os costumes modernos, nem os que se prezam de severíssimos nos queiram confundir com a pureza dos antigos; como se poderá crer que naquele reinado de El-rei D. Sebastião, em que os homens se fingiam de ferro, por contemplação dos excessos de El-rei, era costume andar os fidalgos jovens encostados aos seus pajens, como hoje às damas? E chegava a tanto aquele mau costume, que quando os que julgavam pela passavam de uma casa para outra, não o faziam sem que se lhe chegassem os pajens, e neles se encostassem. Diziam-no muito certeiro e efeminadamente, ser o uso daquele tempo.

Sendo isto assim, não há como condenar os costumes pela idade, senão pela qualidade; nem é justo desprezar o presente por engrandecer o passado.

Tenho por muito digno de repreensão o andar por casa descomposto. Persuadiria, se não for molesto, que se usasse em casa os mesmos trajes que se usam na rua. Verdadeiramente o homem no seu hábito (veste/fato), parece que tem outra grandeza, e império. Prova-se bem isto com os Reis e os grandes, que só aquele criado de que mais confiam é que admitem na sua presença quando estão descompostos.

* * *

Alguns há tão pouco advertidos, que galanteiam as suas mulheres à mesa diante dos seus criados, com palavras e modos indigníssimo; estes igualmente ofendem a modéstia dos homens como a honestidade das mulheres. Que recuse a mulher estes excessos, quando não o marido não tiver a sua advertência.

O mesmo comportamento se aplica também para com os filhos. Vi um dia a um grande General rodeado de muitos homens grandes, que o seguiam, espantar a todos, ao se por a correr para receber um filhinho seu

que o vinha buscar, e beijá-lo na presença daquela multidão; que todo se estava olhando e admirando, de que uma tão grande pessoa pudesse ter tão pouca atenção à sua dignidade de compostura. Digo a vossa senhoria senhor N. que se poder tivera, lhe tirara logo o ofício. Porque o ânimo dos homens não se veem quando resiste aqueles afeitos que aborrecem, senão quando vencem aqueles que amam. Dirão a isto os pais, que os que o não são, não podem dar regras ao seu amor. Eles dirão o que quiserem; mas eu não direi outra coisa. E todos sabem que muito melhor conhece os lanços do jogo aquele que o vê, que aquele que o joga.

Ora pois falamos em filhos, acabemos sobre que há que dizer acerca deles.

Deseja-los é tão justo, como merece-los. Mas não obrigue este desejo a cometer excessos. E já que nos servimos dos ditados, não vê aqui mal para escusar mais leitura, aquilo que se diz: A Deus rogando, etc. Escuso-me de acabar o adagio, porque de todos é sabido. (*)

[(*) "A Deus rogando, e com o maço dando; é uma expressão medieval militar que remete para a ideia de agir de um soldado em combate, ou seja: rezar a Deus pela vitória mas dar também com o maço em cima da cabeça do inimigo. Aqui o autor faz com este adágio uma piada com conotação sexual pois "maço" era na altura da época do autor também calão para o órgão sexual masculino.

De acordo com o autor os casais deviam usar o mesmo sentido expresso pelo adágio, de modos a conseguir ter filhos: rezar a Deus por um lado, e...]

Mezinhas, caldos, devações, frades que benzem, freira que toca, físicos estrageiros, quintas essências, bebidas desusadas, emplastros desconhecidos; de tudo isto livre Deus a vossa senhoria Muito faz aqui a hombridade; muito mais a Cristandade. Pôr nas mãos de Deus e vir delas o que vier; que sempre é mais a propósito que os nossos desejos.

Com os filhos nascidos, guardar de contar graças, nem estremecer sobre eles. Tudo isto os faz mal criados, e aos pais é de pouca opinião. As mães geralmente querem que os maridos os tratem, e folguem com eles; quando vossa senhoria cair nesta venialidade, seja a modo de ofícios em igreja interdita, quero dizer, a portas fechadas. Não é coisa que pareça bem a um homem ser ama, nem berço dos seus filhos.

Fazer-lhe aqueles seus momos, falar-lhe naquela linguagem infantil, tudo é isso indecente. Basta que os veja e ame, e lhe procure todo o regalo e boa criação. As outras figurarias são próprias das mães, a quem se não há de tomar em nada o modo, nem o ofício.

Lembrou-me agora uma coisa que me não há de ficar no tinteiro, mas que não vem a propósito. Havia um ministro muito lisonjeado de um certo filhinho seu; que costumava vir a um aposento cheio de grandes convidados. Havia entre eles um muito grande nos anos, na pessoa e no estado; e mais que tudo nos interesses. Era este o que mais se entretia com a criaturinha, e tais coisas lhe fazia fazer o espirito mão da lisonja e adulação que trazia no corpo, que dizia outro convidado a ele: "Certo muito é que o interesse faça mais parvo a fulano com os filhos alheios do que o amor nos faz a nós com os nossos."

Vá mais por jogo, que por conselho. Quando, senhor nosso Deus der filhas a vossa senhoria não lhes consinta mais que um só nome liso, aquele que lhes ditar a devação ou a obrigação. Tenho por grande leviandade esta ladainha de nomes (dissera melhor, carta de nomes) que hoje se usa, pondo uns sobre outros, deixando os de mais barafunda para o fim. Deram as mulheres nesta nova casta de "Damaria"; e acontece que a que nasceu, e se criou mera Domingas, ou Francisca, lança sobre si meia dúzia de Jacintas, Leocadias, Michaelas, Hipolitas, e outros nomes esdrúxulos, só porque ouviram chamarem-se assim, pouco mais, ou menos, a suas vizinhas.

Acho graça nesta história. Fora a batizar num lugar desta minha vizinhança a filha de um escudeiro; e porque ouvi-o que a outra de um

Titulo tinha a sua mãe mandado pôr na pia três nomes; como a ele lhe custava barata a grandeza, içou um furo mais à vaidade, e mandou batizar a menina com quatro nomes. Ouvi-os todos o Padre Cura, e disse aos padrinhos: Senhores escolham um só nome, que sou fraco de memória; ou juro a batizo sem nome, ou a mando para casa como veio, até que lá se resolvam no que melhor lhes parecer.

Parece que me ia esquecendo de uma coisa que julgo digna de advertência, e para que pode ser que fosse advertido de quem sabe que escrevo este papel. Costuma haver excesso nos maridos por dois modos, quando as suas mulheres se acham naquela hora do parto. Uns que as servem e assistem melhor que as próprias comadres; outros que agem como inimigos e fogem delas.

Dizia um destes com travessura que, se casasse, não havia de ser senão em Julho. E sendo interrogado porquê? Respondeu: Porque se a minha mulher tiver que parir, que seja em Março; e possa eu achar uma embarcação para a India, donde me irei antes que a veja em tal estado.

A boa, ou não boa vontade que se tem à mulher, dará aqui o melhor conselho. Também o natural do marido puxará muito por ele. Não reprovo aqueles que tudo querem ser naqueles casos; reprovo os que não querem ser

nada. O sair de casa é repreensível, porque pode haver mil casos para que sejam necessários. Bastará estar cada um no seu aposento e receber nele com igual constância as ruins ou alegres notícias.

Hei de alegrar talvez esta matéria com um dito de certo senhor Castelhano. Era General, e pediu um seu Capitão licença por escrito para se ir a casa para assistir ao nascimento de um filho. Este pôs-lhe por despacho: "*Al tener el hijo quisiera io halarme en mim casa; que al nacer, poco importa.*" (Por ter um filho quisera eu pôr-me em casa; que o nascimento pouco importa)

* * *

A miséria dos tempos que em tudo vão para trás, tem feito que as amas, que antes eram mulheres honradas, se vejam hoje trocadas por vilãs bem dispostas. Já viemos das mães para as amas; e agora das boas amas irmos para as ruins. Enfim, é moda e uso; que se vá com ele. Mas é contra a natural obrigação das mães; porque como disse um sábio: "Quem antes de nos ver e conhecer, sustentou-nos nove meses dentro em si; porque é que depois de nos ver e conhecer, nos enjeita, e busca outra que nos sustente?"

Bem folgara eu de ver os filhos dos meus amigos mamar bom leite: não só na qualidade do corpo, mas também na do espirito. Quem foi filho tão bem criado como vossa senhoria pouco ou nada, tenho que lhe lembrar na criação dos filhos. Crie-os vossa senhoria como os seus pais o criaram, que todos nos daremos por contentes.

Virá aqui ainda a propósito de filhos, isso de filhos bastardos: sarilhos certo muito bem escusados, e de não pouco embaraço aos casados; mas que aquele que os tem, não pode mandá-los vender ao Pelourinho. É força que digamos sobre isto alguma coisa.

Os naturais, e que não devem nada à fé do Matrimónio, são dignos de conservar quanto não há legítimos. Houve tantos homens famosos no apelido de vossa senhoria e em outros, deste tal nascimento, que não aconselhara que se desperdiçassem antes do tempo.

Com os pais, acabado me parece o assunto; nas mulheres é a maior dificuldade. Muitas há de tão generosa e natural inclinação que agasalham com muita galantaria os filhos dos seus maridos; outras que não os podem ver e os maltratam. Notável foi a fineza daquela Margarida de Valões, Rainha de França (que já deixo nomeada.) Estava no leito com o seu marido Henrique IV, o Grande (que grande ingrato lhe foi;) viu que se afligia por

lhe trazerem em secreto recado que estava no próprio Paço Real, parindo do mesmo Henrique, a "Mademusela" de Foseuse dama da Rainha e de El-rei. Vestiu-se Margarida, e foi assistir ao parto da sua criada, que tão mal a servira; tratou do seu regalo, e o que é mais, da sua honra; mandando a todas aquelas de quem se ajudou, que sob pena da sua desgraça, nenhuma falasse daquele caso.

Se por este modo obraram as outras mulheres, bem se lhe puderam confiar os filhos que chamam de ganância; visto porém que não é assim, seria acordo cria-los sempre não só fora de casa, mas do lugar em que se vive.

A India, e a Religião costumam dar boa acolhida a este género de gente. Bom juízo será destinar-lha.

Mas filhas e filhos em conventos; umas e outros, que não sejam desamparados nunca; que enfim ser filhos do amor, a quem se deve boa correspondência; e que por faltos de fazenda, e cheios da obrigação dos seus nomes, se acham em mil aflições, que todas resultam em dano da honra, e da consciência dos seus pais.

É também esta matéria larguíssima para discorrer nela, e toca verdadeiramente mais a outro intento, porque o que agora queremos fazer é

só apontar regras à vida dos casados, para que levem suavemente aquele jugo que sobre ambos descansa.

* * *

Entra aqui a advertência da emenda da vida livre e descomposta; que se antes do casamento fez alguma parte da idade do homem, tanto maior deve de ser depois o refreamento dela.

O senhor que foge ás vezes num libreto por sentir que estava preso, quebra as cadeias, e corre sem elas; mas lá, junto à coleira, vai ainda tinindo o fuzil das prisões que indicam porque estava preso; com que ainda ele se não dá por solto, e livre.

Benzer, senhor, benzer como do diabo, de coisas passadas; que não debalde na conversa das velhas as coisas passadas, ou coisas más, é tudo o mesmo; nem com os olhos se torne a voltar para elas; nem para ver se ficam lá muito longe.

Com muita razão, e boníssima doutrina, fingiram os poetas, que o seu Orfeu não tivera medo quando foi ao inferno, a não ser quando depois de

sair dele para fora quis olhar para trás. Verdadeiramente senhor N. que essa é a última perdição: sair do mau estado, e voltar a olhar para ele.

Muitos há que, não sei em que juízo, dão em terem amizades prolixas com freiras; parece-lhes que nada ofendem as suas mulheres nessa correspondência. Tira-se daqui muito ruim fruto; porque das casadas começando em zelo do que os maridos gastam e do que se descompõem, acabam em finíssimo ciúme. Elas têm razão, porque os maridos não farão menos ofensa à suas mulheres divertindo-lhe a afeição, que qualquer dos outros cabedais, que lhe são devidos, e com esse nome de devido se nomeiam; antes será maior a ofensa quanto for a mulher mais daquelas, que só da afeição dos seus maridos se satisfazem.

Não quero passar tão depressa por esta palavra, ciúme, ou ciúmes; que ou dados, ou tomados, significa um humano inferno. Humano, porque vive entre os humanos; e desumano, porque desumanamente trata aqueles entre quem vive, ou vivem nele.

Foi questão, e ainda não é conclusão, sobre qual seria pior a um casado: se dar ciúmes à sua mulher, ou tê-los dela? Escuso-me de averigua-la; uma, e outra coisa abomino. Há muitos que do dar ciúmes não fazem caso, e grandíssimo de os receber.

O engano, senhor, é manifesto; porque o dar ciúmes que se despreza, geralmente assenta sobre grande causa; e o recebe-los que em muito se tem, as maioria das vezes é imaginação; e como as mulheres padecem ainda menos de fracas que de vingativas, acontece que mil vezes produz nelas os mais terríveis efeitos: a vingança, que a fraqueza.

Disse bem quem disse que os ciúmes se pareciam a Deus, em fazer de nada alguma coisa. Eis aqui o seu ofício, que em todas as maneiras não deve ter lugar nas casas onde vive a discrição e a Cristandade. Porque certo é terrível tormento o que padecem, já os homens, já as mulheres, por esta maldita imaginação; a quem com não menor propriedade houve quem chamasse víbora, porque em nascendo mata a pessoa que a engendra.

Peço a todo o casado que fuja esta peste; e que aquilo mesmo que para si tão justamente deve de não querer, o não queira também para quem ama, ou deve amar, pelo menos.

Dizia um ilustre, que um casado dar a entender à sua mulher que tinha ciúmes dela, era meio caminho andado para que ela lho merecesse; aludindo ao que se diz vulgarmente, que a maior jornada é o sair de casa.

Assim, tal como o direito, que dizem que tem deixado muitos casos para o qual não pensou em pena, por não presumir que aconteceriam no mundo;

assim o casado deve mostrar-se esquecido de tal pensamento, por não presumir lhe possa ser necessário.

Distingo porém serem prudentes de serem ciosos. A prudência precata, desvia e assegura todos os caminhos da suspeita. Nada disto faz o ciúme; antes para não ser um homem cioso, convém que seja prudente.

Pô-lo-ei mais claro com este exemplo. O prudente é como o Capitão de um castelo, que trás pelo campo de contínuo os seus espiões ao longe, vigiando noite e dia o seu inimigo, mesmo que o não tenha; porque quando o tiver, o não possa tomar de sobressalto. Este tal vive seguro, come com gosto, dorme com descanso. O cioso é como outro Capitão, que temendo-se de tudo o que há, e não há, encerra-se miseravelmente no seu castelo; o ar que corre dá-lhe nojo, a folha que se move julga que é assalto; e assim sem honra, e sem proveito, cheio de medo e desconfiança passa a vida, ignorando o que é paz e repouso.

Aqui relembro a muitos, e muitas que me lerem, que quando me vir ser miúdo nas coisas, e praticar cautelas que parecem escusadas, não julguem que por nenhum modo é meu ânimo inculcar aos casados o ciúme; pelo contrário, defendo que nenhum o seja, e proponho tantos outros meios de segurança, para que todo percam esse receio.

Quem duvida que se deve muito mais agradecimento ao médico que nos dá regras para não perder a saúde, que ao que nos dá mezinhas para que depois de perdida possamos cobra-la?

* * *

O jogo em todos os estados é ruim oficio, se é ofício; quando não passe de ocupação cortesã, e que anda anexa à ociosidade dos poderosos.

Eu viria facilmente o que era licito, se soubesse medir até onde era licito o jogo; mas ainda acho maior dificuldade em poder ter mão nas rédeas da cólera, ou ambição daqueles que jogam: são afeitos, que jamais se enfreiam. Sobre uma muito pequena causa se arma uma porfia, e sobre ela uma perda de honra, ou de vida; porque os homens já não fazem motivo da quantidade da perda, senão da qualidade da dúvida.

São tantos os exemplos, que não é necessário provar os danos do jogo. Encarem-se deste modo; e escutem-se as tragédias."

Dizia um ilustre, que vinho, jogo, e tabaco deviam-se vender nas boticas como mezinhas.

O solteiro, se joga, joga o que é seu, pelo menos enquanto dermos conta que é o seu que joga. O casado joga o que é alheio, porque ele não tem na sua família mais de um quinhão; e, respetivamente, joga ali outros: a mulher, os filhos, e os criados. Logo como pode com justiça aventurar, contratar, e perder o alheio?

Havia um senhor, muito inclinado ao jogo, uma filha muito querida. Começou a perder dinheiro, joias, alfaias, que ia mandando buscar à sua casa, e eram todas, grande parte, do dote daquela sua filha. Ela, afligida e queixosa, justamente, tomou os seus criados e foi-se ao local aonde ele jogava. Viu-a o pai, e com grande sobressalto lhe perguntou que queria dele em tal lugar? Ela respondeu-lhe: "Venho cá, senhor, para que V. S. me jogue também, e que me perca; porque, deste modo, para que valho eu em casa com o que V. S. já tirou dela?"

Um que gabava o jogo, chamava-lhe "escola da paciência". Seria-o, se nela se aprendesse como se gasta. Por este fim considero eu muitas vezes a servidão de um taful; a que não acabo de dar saída; porque quando vejo que se contra um destes se dá uma sentença de vinte mil reis pronunciada por um juiz, confirmada por três, alega dúvidas, põe embargos, mete tempo em meio, e ainda no fim de tudo, ou não paga, ou queixa-se; e logo naquela maior demanda do jogo vejo-os tão obedientes que porque sota de ouros

veio primeiro que seis espadas, levam-lhe a sua fazenda, e o dá por bem julgado; confesso a vossa senhoria que, quando tal vejo, não sei filosofar em qual seja a causa desta temperança à vista daquele vício.

Acabarei de falar no jogo com uma bem grande galantaria de um dos nossos antigos cortesãos. Dizia este, que três bens desejava aos seus inimigos para se ver vingado deles: "pedir, mas que lhe dessem; preitear(*), mas que vencessem; jogar, mas que ganhassem."

[(*) acto de ganhar honras, homenagem ou louvores.]

Outro género de perigo não menos urgente, é o de uns, que andam enfeitiçados com amigos; seguem com eles caçadas, folguedos, banquetes, viagens, e todas as mais ações, que traz consigo a ociosidade. Digo a vossa senhoria que este dano compreende mais aos homens de inferior sorte; porque verdadeiramente entre os grandes são tão poucos os amigos, que assim como não há de gozar dos proveitos da amizade, também não há de perigar dos inconvenientes dela; mas deles sempre se guarde.

Parecerá contudo mal, e será mau, que o casado escolha por amigo o solteiro, principalmente se ele é de vida solta; porque como a amizade

consiste na semelhança, por milagre seria que o casado não fizesse o que visse fazer o solteiro.

Destes, a maioria costuma dar maus conselhos, exortar ao casado que se não sujeite à mulher, e viva como livre. É manha antiga da nossa fraqueza fazermos os vícios comunicáveis. Os doentes desconfiam de que haja quem se guarde do seu mal. Aqueles que padecem, ou afetam a sua soltura, procuram pegá-la aos que vivem em devido recolhimento.

É para ser seguido e acompanhado do bom casado, outro casado de bom procedimento; e destes sempre deve de ser o parente preferido. São bons para amigos aqueles cujas mulheres são também amigas das próprias mulheres. Podem-se ajudar e prestar nas ocasiões; desabafa-se com eles o enfadamento familiar, com mais confiança de compaixão e remédio; porque além de se referir a pessoa que os conhece, fica dito a pessoa, que outro dia pode fazer o mesmo.

Há dias perguntou-me um fidalgo sisudo, casado à pouco tempo, a que hora seria conveniente que se recolhesse à noite para casa. Lembro-me que lhe disse que essa hora a diria o amor, ou ocupação, e não o relógio; mas ele, não satisfeito, fez com que discorrêssemos naquele ponto.

A uns parece que se deve recolher o casado sempre a uma hora; e sobre tal, que possa muito bem antes dela ter negociado com a esposa o que lhe pode suceder, sem dar sobressalto na tardança. A outros; que não deve ser assim, senão à hora que for possível; porque vindo umas vezes cedo, mostra-se que as outras que se tarda, teve a culpa a ocasião, e não a vontade.

Tenho para mim que nada disto é seguro; porque os alicerces da confiança do casado devem-se lançar no crédito, e não no artifício. Inclino-me mais ao recolher sempre a uma hora justa e proporcionada com as ocupações, ou de casa, ou de fora. Sobre tudo parece que os casados recentes devem guardar mais cortesia à suas mulheres, assistindo-lhes com maior cuidado naqueles anos primeiros.

Também nesta obrigação não deixa de haver opiniões bem contrárias; e tanto, que entre dois esposados de grande juízo, ouvimos contar, cada um, que indo-se a recolher, dissera ao seu estribeiro: "Fazei ter tudo pronto à manhã bem cedo para irmos à caça; que visita de cada dia não pode ser larga." E de outro, que sendo-lhe perguntado pelo moço que lhe daria para vestir para o outro dia, ele lhe respondeu: "Vai-te para casa do teu pai até que eu te mande voltar; porque primeiro há de se segar aquele trigo, que ali andam a semear, até que eu planeie o que vestir." Tais são, e tão varias, as

opiniões dos homens; pelo que um entendido dizia: "Sabeis vós porque o corvo é negro? Porque é que não se pergunta se é negro, ou branco."

Já vossa senhoria tem visto como nestes avisos não sigo alguma ordem, se não aquilo que a memória me vai oferecendo. Creio que longe fica do seu lugar (mas em qualquer parte vem a tempo) o amoestar ao casado, que com o mesmo tento que deve falar diante da sua mulher louvando as alheias, deve (e com maior ainda) de gabar a própria diante dos homens.

* * *

Pode, e deve bem o marido, quando houver razão e necessidade, louvar modestamente as virtudes da sua mulher: digo as virtudes, mas não digo as partes; e das mesmas virtudes não se faça ostentação a cada passo. Ao pai, ao irmão, a tão chegados parentes, aos muito amigos e muito sisudos, poderia ser licito que desse o casado alguma vez mostra da satisfação que tem dos dotes do ânimo, que na sua mulher tem e estima.

Não são poucos, nem pouco grandes, aqueles, que em conversas de cortesãos, ou engraçados, gabam em público as partes das suas mulheres, ou falam nelas: coisa, ao meu juízo, indigníssima, e digníssima de grande repreensão. Eu fiquei um dia como morto, ao falar com um fidalgo de

idade, e autoridade, porque me disse, que estando a sua mulher doente de um peito, que fulana estava muito afligida, porque tinha as tetinhas muito delicadas.

Noutra ocasião, estando uma noite em Flandres (atual região norte da Bélgica), em certa casa, onde assistiam grandes pessoas, um dos presentes, tão pouco lúcido de juízo, tirou o retrato da sua mulher para o mostrar aos outros. Era um daqueles múltiplos retratos que se fazem com diferentes trajes, que se lhe vão vestindo à vontade do apetite dos olhos: que tantas manias tem inventado o vício para a vista, como para o gosto. Sucedeu pois que estava então o bom do retrato em figura de Alferes, e não parecia mal. Ora, achava-se na mesma casa um dos convidados, rapazinho bem ilustre, mas muito dado aos costumes da terra; e como todos estivéssemos sobre a ceia (o que neste se enxergava melhor que nos outros) deu-lhe na cabeça tirar da mão ao simples do marido o retrato da mulher, beijou-o, e abraçou-o mais francamente, como que se fosse sua, dizendo-lhe: Ó Alferes mio! Ó Alferes mio! E mil requebros descompostos. Enfim o negócio procedeu de feição, que todos nos vimos ás pancadas, e por pouco se não matavam mais de dois: com tal vergonha, e escândalo, que não sendo a gente ciosa nem a terra maliciosa, houve assaz murmuração, e durou muito; e tudo procedeu da incauta confiança daquele descuidado marido.

Outros há que, com tão pouco juízo, levados ou pelo desejo, ou pela facilidade da sua condição, dizem às suas mulheres, que não lhes pesará ficarem viúvos. E, suponho, dizem estas palavras com zombaria. Aquelas que os ouvem, guardam-se como indícios do ânimo, e sinal certo de desamor; que na verdade vemos melhor pago na mesma moeda, como se costuma dizer que o amor se paga. Desvie-se o prudente de tais palavras; antes em feitos, e ditos, mostre sempre à sua mulher aquela boa lei, com que quer ser também ser tratado.

Conta-se que um indivíduo, que estando às portas da morte, sentiu um grande desgosto por ter maltratado a mulher, e perguntou-lhe se havia alguma coisa que ele pudesse fazer para cair nas suas boas graças; ela respondeu-lhe: Morrei depressa senhor, que tudo bem se ficará.

* * *

Evite, senhor N. em ser prolixo,(*) e cansado, como não poucos são para com as suas mulheres, e famílias.

[(*) Pessoa que enfadonha, que chateia com longos discursos; muito minuciosa e que só vê as coisas à sua maneira.]

É certamente intolerável essa coisa de sofrer a impertinência de muitos, que sem alguma razão mais do que aquela de que estão na sua casa, gritam, são comichosos, e enfadam os outros, ora querendo uma coisa, ora não querendo aquela própria coisa que quiseram. O ódio começa em desagrado, e por ali vai subindo até se tornar em ódio, que muitas das vezes achamos entre a mulher, e o marido, servindo as causas do perpétuo consórcio, que haviam de ministrar a amizade, e fé, de persuadir a inimizade, e a perfídia.

Já que conto a vossa senhoria histórias assim, não hei deixar de contar esta:

Solicitava, com esquisita importunação, em Roma, a beatificação da venerável senhora Margarida de Chaves, um seu filho, que eu muito bem conheci, e da sua boca ouvi o que digo. Tinha o Papa Paulo Quinto remetido a causa a certo Cardeal mas este já andava tão chateado com o requerente, que em o vendo fugia dele. Sucedeu o requerente conseguir ir falar-lhe um dia, estando o Cardeal mais que enfadado e tendo-lhe lembrado, como de costume, do seu assunto, o Cardeal respondeu-lhe: Senhor, não vos canseis em provar a santidade da vossa mãe; direi somente

que vos teve de suportar como filho, que o Papa a declarará logo como Santa.

É assim, que se considerarmos aos ares que se dão os homens impertinentes, e que se prezam de serem senhores absolutos, e que em nada tanto o parece, como em se darem a padecer ás pobres das mulheres; sem falta elas farão a Deus tão grande sacrifício de paciência, que bem poderão ser contadas entre as santas.

E há uns tão gritadores; e que por qualquer mosca que voou contra o seu gosto, já fundem a casa, e tiram dela o segredo da sua má condição, e são eles próprios que acabam por lançar o nome da família na rua! Deus nos livre, senhor, de tão mau costume. Disse bem o que disse anteriormente: que ninguém padece tanto incómodo, que se puser os olhos no que outros padecem, lhe falte razão para suportar o que padece.

* * *

Há ainda uns de uma mania tosca, comum nos muito altivos, e nos muito desarrazoados. Uns julgam que toda a gente é inocente, e fazem votos solene para servir o mundo; outros não querem dar aos outros nenhum

desconto pelos erros alheios. Ambos são defeitos infelicíssimos; porque a maioria das coisas e dos casos não estão na nossa mão, e acontece que todo o dia, todo o ano, e toda a vida, nos vão sucedendo ao revés do gosto, e da conveniência; ao que não remedeia nada a desconformidade com que se levam esses sucessos.

* * *

Parece-me que será preciso fazer uma breve lembrança a alguns, que se dão em amigar com as suas criadas, com grande perigo, certo, da reputação da sua casa, a que eles mesmos são culpados, e merecedores de que no seu dano, com semelhante ousadia sejam de Deus castigados. As próprias aves de rapina, que não tem outro ofício senão caçar, e comer o que encontram, costumam distanciar-se do local onde habitam, para fazer as suas caçadas. Porque serão os homens menos fiéis, e menos doutrinados?

Sendo certo que a porta principal para todo o perigo dos homens, é a ilícita relação com as mulheres, nenhum dos mais licenciosos resulta em tão péssimos efeitos, como aquele que se comete dentro na própria casa. O

desconcerto do senhor dela é logo bem aprendido da família; e como um delito chama por outro, eles multiplicam-se até um triste excesso.

As criadas, vendo-se desejadas dos seus amos, conspiram logo contra as senhoras, traçando tais enredos, que não contentes da primeira ofensa, procuram-nas despojar da honra, e da vida. Algumas com esperança de ocuparem os seus lugares (como não poucas vezes acontece;) outras por gozar mais soltamente a sua ruim liberdade. Deste casos ouvimos tragédias lastimosas; destes casos vemos bodas infames.

* * *

Entre os conselhos tocantes ás virtudes do ânimo, que variamente tenho apontado a vossa senhoria convém deixar-lhe alguns avisos concernentes ao bom governo da sua casa: coisa que por outro nome mais elegante chamam os filósofos de Virtude Económica, segunda parte da ciência civil, que também é segunda parte da filosofia moral. Isto enfim não é outra coisa que a arte e a prudência com que o cidadão, o fidalgo, o grande, e também o pequeno, governam a sua família. No fundo é aquilo que Maquiavel

chamava na sua obra "O Príncipe" de arte política, ou matéria de estado; chamem-lhe os filósofos como lhe chamarem.

Havia um capitão Romano que afirmava que saberia bem dispor uma batalha aquele, que bem sabia dispor um banquete. Mas ele diria melhor se tivesse afirmado que saberia bem governar uma república, quem soubesse governar bem a própria casa, pois é certo que a cidade é uma família grande, e a família uma cidade pequena.

Aconteceu-me um dia ir a visitar um fidalgo meu amigo, que por morar longe da minha pousada, e serem dias de inverno, julguei que já não o encontraria em casa. Era jovem, e notado de pouco governo, ele, e a sua mulher. Cheguei enfim à sua porta e mandei saber se estava para modos de receber a minha visita. Enquanto lidava nesta averiguação, ouvi eu muito bem lá dentro uma voz que dizia: "Fulano, ide a casa do Padre, e perguntai-lhe da parte do senhor D. fulano, se hoje é dia de peixe, ou de carne. Se disser que é de peixe, trazei-o da ribeira; se disser que é de carne, trazei-a do talho; ide de pressa, para que se faça o jantar." Era isto, não menos, da um ou duas horas da tarde. Veja vossa senhoria que tal seria para os servos o governo daquela casa, quando para os senhores dela era desta maneira.

Não são numeráveis os descontos, que causa um senhor frouxo. Vulgar, mas certíssima, sentença é aquela, de que então doem todos os membros,

quando a cabeça está doente. Conheci um homem de grande qualidade e juízo mas em tanta maneira remisso, que mandava pedir a um amigo seu que viesse gritar com os seus criados para obriga-los a servi-lo.

Ora estes excessos são uma monstruosidade e não poucas vezes convêm traze-los à memória para a não aborrecer.

Toda a governança de uma casa eu reduzo a dois pontos: Pão, e Pano; ou Prato, e Trato: regra, que há muito que sabe a prudência. Pelo pão, ou prato, podemos entender todos os bens, e divisões das portas adentro. Pelo pano, ou trato, entenderemos todos os bens, e divisões das portas para fora. Alguma coisa disto falei nos avisos passados; menos porem do que necessário.

Mas falando melhor nesta matéria, convém que o senhor da casa procure que a sua família ande acomodada, e lustrosa segundo o seu estado, desvelando-se, e buscando os efeitos para a conservar inteira em ambas estas qualidades. O cómodo do pão, porque se denota o mantimento comum, deve com grande providência ser provido, para que a casa seja abundante, e que nela com ordem e sem miséria se reparta. Pouco importará que de fora se tragam a casa os meios que a podem fazer abastecida, se nela se vive em prolixa abstinência. Muito pior levam os criados a abundância miserável, que a pobreza liberal.

Outros, com o escritório bem provido, pagam mal, vestem pior. Não me ponho da parte da fortuna, que muitas vezes faz que os amos que menos bem tratam seus servos sejam os mais bem servidos; advogo pela razão, que obriga, desengana, e manda a quem quer ter bons criados, que lhe queira ser bom senhor. Aquele, que dos seus criados espera que adivinhem seus pensamentos, espera que adivinhe também suas necessidades.

Pague bem; isto é, a tempo. Aos criados o que lhe prometeu; aos oficiais o que valer o seu trabalho. Será bem servido de uns e outros. O prémio deve seguir ao serviço, para que o serviço acuda à necessidade. Quem paga logo, paga com menos; porque dar depressa, é dar duas vezes e verdadeiramente se estima em muito mais do que é. Quem paga tarde, tem já os ânimos tão desabridos que mesmo dando mais do que deve, não deixa os credores satisfeitos.

Perguntaram a um criado a quem servia. Ele respondeu que a um filho seu; e quando lhe tornaram a perguntar porque dizia isso, respondeu: Sirvo ao meu herdeiro. Por semelhante razão disse um anónimo que andava errado o provérbio que diz que quem bem paga é herdeiro do alheio; porque muito mais certo é ser herdeiro do alheio aquele que o alheio não paga.

A todas estas coisas assista a providência, e não a soberba; que sendo guiadas por aquela, serão justas, e excelentes; e por esta, demasiadas, e escandalosas. Convenho em que o casado honrado tenha a sua mesa não faminta, limpíssima, e bem servida; mas, que seja mesa para a boca, não para os olhos. Quero dizer, que ministre a necessidade, e não a vaidade.

Ora contarei duas coisas a este propósito estranhas, e que ambas vi, e alguma experimentei para meu dano. Havia um Ilustre de Espanha tão grande na vaidade, como na miséria, que diariamente mandava que lhe servissem doze pratos ao jantar, e outros tantos à ceia, que se lhe ministravam em público com notável cerimónia; e era certíssimo que deles só três levavam iguaria, e os nove iam para a mesa tão vazios como a cabeça do seu dono.

A outro vi que, tendo por seu cargo, a função de escolher as ementas de certo Príncipe, a quem servia, mandava levar parte das iguarias para sua casa, as quais lhe serviam a ele à mesa, e de que pouco se servia. Mandou depois fazer outra mesa encabeçada pelo filho herdeiro, que comia com hóspedes; e de quem eu o fui algumas vezes; e eis aqui que reparei que apareciam duas vezes os mesmos pratos que tinham saído a publico. Os pratos não paravam muito tempo na mesa, tirando os criados os restos para juntar a outros restos onde voltavam a ser servidos; de tal feição era assim

que cinco vezes voltavam os pobres pratos à mesa antes de serem de todo consumidos.

Tanto pode, senhor N., a vaidade com os homens, e mais no tempo de hoje, que lança sancadilhas à natureza e a derruba. Que o homem coma bem por necessidade, pode passar; que coma bem por regalo, pode passar; mas que funde o seu credito em pratos vazios o que faça figuras de comédias, guarde-nos Deus de tal comportamento.

* * *

O servir a mesa com os criados, coisa é costumada; mas é verdade que estes nossos criados portugueses servem com tal descuido, ou confusão, que não acho grande perda o servir com as criadas invés. Misturas ambos não o faria eu nunca; e sempre aconselhava ao senhor se servisse com as criadas, que desse folga os criados para eles nunca saberem servir quando vem hospedes; que sirvam nas coisas onde é necessário que os criados assistam, e onde convém que saibam melhor o que fazem: coisa, que raramente sabem fazer os nossos.

Já que aqui estamos, diga-se (pois também importa) que não se coma desorado; quero dizer, fora de tempo. É grande inconveniente para as pessoas a quem assistem os seus criados. Também quando a ocasião, o ofício, ou negócio assim o pedem, é intolerável deixar que os criados comam primeiro; porque de outra maneira a casa vai andar mal servida. Acontece que por esperar o senhor que comam os criados, perde-se mil vezes o negócio ou o encontro, por não ter quem o sirva devidamente.

* * *

Gabo muito, senhor meu, o conservar nas casas certos costumes nossos familiares, e antigos, que as fartam, alegram, e agasalham, corroborando de novo o amor que se tem ao senhor da casa. Teve vossa senhoria um parente ilustríssimo, mestre destas políticas, e o mais amado amo dos seus criados que eu vi já mais, por estas e outras utilíssimas humanidades que tinham para com eles.

Digo eu que o casado, para alegrar a sua mulher, e família, mesmo os seus conhecidos, mande (se lhe for possível) fazer na sua casa duas e três comédias (*) cada ano.

[(*) Peças de teatro]

Seja ele próprio na escolha dos convidados e da peça; dirão dele que é um anjo; e na verdade é uma mostra de bondade, folgar de que folguem os outros com coisas decentes. Não sejai como o nosso Rei D. Pedro, que chamaram Cru e Cruel, que mandava de noite acordar o povo que dormia, porque ele não podia dormir.

Faça outras tantas romarias e folgas, que cheguem até aos menores. Mostres-lhes assim leve, e cuidadoso do seu regalo. Reparta com prudência os mimos que lhe vierem, já da renda, já do presente.

Aquilo de matar porcos pelo tempo é lance caseiríssimo, e bem aceite, que faz os homens bem vistos até da vizinhança. E para dar algum gosto a esta baixeza (que não quis que me esquecesse) direi o que aqui dizia um malvado cortesão, que assim como cada homem, para bom governo da sua casa, devia matar cada ano pelo menos dois porcos; assim para bom governo da Republica, devia-se matar cada ano pelo menos dois vilãos

ruins. Por tão bom costume tinha este aquele conselho; o que bem favorece o nosso refrão quando diz: O dia de S. Tomé quem porco não tiver, matar pode a mulher.

* * *

O ir ás quintas louvo, o morar nelas não gabo; não porque me pareça indecente, mas porque o tenho por desacomodadíssimo: vindo a ser estas quintas uma quinta essência da signatária. Estraga as casas, desbarata os móveis, destroça os criados; nada se forra, antes gasta-se mais; e os homens nem gozam a quietação do campo, nem a autoridade da Corte.

Entendo por "quintas" aquelas, das quais se pode vir cada dia a Lisboa; onde com comodidade, ou sem ela, nenhum dos vizinhos deixa de vir cada dia; pelo que disse, com a graça que lhe é costume, um nosso amigo, que o coche de tal fulano ia três vezes cada ano a Jerusalém, somando as léguas que andava cada dia o coche e o seu dono, indo, e vindo da quinta a lisboa.

É um facto que os grandes cortesãos fazem a vida do campo aborrecível - algo que ela não o é; é antes alegre, e conveniente.

Estando um amigo de certo fidalgo sido convidado para estar com outros numa sua quinta durante dois dias, ao segundo sem se despedir dos companheiros, tomou o caminho da cidade; gritaram-lhe para que se detivesse e lhe perguntaram-lhe aonde ia, ao que ele respondeu: "Amigos vou-me, porque se estou mais de vinte e quatro horas no campo, começo a pensar que me torno boi."

Por outro lado julgo importante ação não viver continuamente na Corte, e parece-me que há uns tempos próprios para se retirar (o casado com a sua família) e ir viver no seu lugar, comenda, ou herdade; enfim aquela parte que mais cómoda for para a vida. Se hei de apontar regra para este tal retiro; diria que tendo o casado mais de dois filhos, já é tempo. E que os anos da ausência da Corte podiam bem ser aqueles necessários a que os tais filhos cresça , e não perdem por não ser conhecidos até então; ou seja até à idade de oito e dez anos.

Depois é bom tornar à Corte a introduzi-los nela, para que o Rei os conheça, e eles se criem sem espanto dos Paços, que sem dúvida o causam

aos que não viram a Corte desde a mocidade - como se diz das águas do Nilo, cujo estrondo é medonho ao forasteiro, e do natural nem é ouvido.

Parece-me depois que até casar estes filhos, não se deve fazer ausência; e que, eles casando, se faça para descansar a velhice, ou maior idade; dando a um cristão intervalo entre os negócios e a morte: que é o mais importante negócio para os vivos.

Esta observação só é aplicável àquele que vive para si mesmo; porque para o ministro, para o soldado, e para o criado do Príncipe, que vai de uns empregos subindo a outros, e merecendo cada dia mais, não é meu ânimo dar para conselho que sem causa deixe cada um a sua profissão, e aumentos.

Estas ausências trazem grandes e muitos proveitos à vida, à saúde, à fazenda, à salvação. A vida, porque no campo se vive mais; à saúde, porque os seus exercícios a conservam; à fazenda, porque se gasta menos; à salvação, porque faltam as ocasiões que a arriscam, e anda o ânimo mais livre para pensar em Deus, e em si mesmo.

Não falece contudo quem tudo isto contradiga; porque, como dizia um amigo ilustre, todo o homem põe outro nome à sua vontade. Assim é notável a controvérsia, que houve sempre sobre este modo de vida retirada. Um fidalgo nosso antigo gabava-se de que só não poupava no campo a

metade da sua fazenda. Mas não fazia isso assim outro Castelhano, que quando se viu velho, fingia que se retirava, e não saia da Corte; e dizia que: “*Para descansar cada uno a sua casa, no havia cosa como se comer media dozena de pajes i lacaios sin salir de sua tierra.*”

Estas tais retiradas costumam sempre ter grande contradição nas mulheres. Quanto elas na Corte são melhor vistas, mais aparentadas, e gozam maior aplauso, tanto mais impugnam tal resolução dos maridos. Contra isto não tenho mais que dizer que o que disse um mesquinho a outro que lhe pediu dinheiro emprestado, oferecendo-lhe sete razões, pelas quais lho devia de emprestar: Nas mesmas sete me fundo eu (disse o mesquinho) para não fazer o que vossa senhoria me pede.

Não me posso escusar de dizer duas palavras a uns certos casados, que toda a sua ânsia e desejo é andarem sempre ausentes da sua casa, em viagens e jornadas, umas para que eles se convidam, outras de que se não desviam; deixando as mulheres jovens, e as vezes bem desamparadas de todo o resguardo que lhes é devido. Estes costumam dizer, que por buscar pão e honra se ausentam; e não poucas vezes vimos que em tais demandas se perde de contado a fazenda, e não poucas vezes se arriscam coisas que

valem mais que ela. As mulheres casam para serem casadas. É algo contrário não entender cada um sua obrigação.

Falava uma viúva com um homem um dia, que sabia que era ela viúva; e ela dizia-lhe: "Senhor, eu nunca casei, como posso ser viúva?" Replicava o outro, que sim o era, porque conhecera em tal parte o senhor fulano seu marido; e ela tornava: "Senhor, digo-vo-lo que casei por procuração, e fui casada por carta; e isto é não ser casada." E era assim, que pelas ausências do seu marido apenas o conhecera.

* * *

Se estamos sós, senhor N. hei de contar a vossa senhoria uma história que ouvi em Barcelona. Havia ali um fidalgo, casado à pouco, cujo nome era Mosen Gralha. Passou o Imperador Carlos V para Itália, e seguiu-o este Catalão a despeito da sua mulher jovem, formosa, e honrada. Engolfou-se o marido em serviços e esperanças, e não fazia conta de vir tão cedo. Enfadava-se a mulher, e requeria-lhe muitas vezes que viesse; mas desesperada já da vinda dizem que lhe escreveu em Catalão estas palavras:

"Mosen Gralha, Mosen Gralha, mon amor non manha palha." Tomou o soldado a carta, levou-a ao Imperador para que ele lha interpretasse; o qual conhecendo o que queria dizer (que é fácil de conhecer-se) e dando-lhe os agradecimentos pelos serviços prestados, gabou a confiança e a discrição da mulher, e mandou para sua casa o seu marido.

Advirta-se todo o casado, que ao ausentar-se por muito tempo da sua casa tenha muita cautela; e seja raro o interesse porque assim o faça. Discutível foi entre os políticos, se convinham ou não haver Capitães casados ou solteiros. Diria eu aos Reis, se falasse com eles, que para as conquistas e guerras ofensivas que se fazem em províncias distantes, escolhessem os solteiros; porque pela liberdade se arriscam; e ao virem descansar na pátria, buscando esposa, abreviam mais as empresas, e são menos custosos na vida e na morte aos seus senhores. Ao contrário, para dentro da sua província, e na guerra defensiva, prefiram os casados aos solteiros nos postos militares; porque por defenderem a mulher, filhos, e honra deles, costumam os homens obrar maiores feitos, por beneficio da sua própria vida.

O mesmo que aconselharia aos Reis para com os vassalos, aconselhara aos vassalos para com os Reis. Assim nas eleições, assim nas pretensões.

Mosteiros, Recolhimentos, e outros resguardos semelhantes, em que os homens depositam as suas mulheres, não deixam de ser arriscados; e certamente, quando a ocasião não seja muito urgente, é usar com as mulheres ruim lei, e faltar-lhes com a fé e companhia devida; porque se cada uma delas quisesse ser freira, bem escusara de se casar.

* * *

A coisa com que mais atentado sou, é ver uns que dão em chamar as mulheres por circunlóquios, chamando-lhes "minha velha", "minha companheira", "minha hóspede", "minha obrigação", "a mãe dos meus filhos", e coisas assim, que em qualquer tom que sejam ditas, parecem pouco graves, mas que no meu juízo, parecem indignas de se acharem na boca de alguém. A mulher de que o homem se preza, e o homem de que a mulher se honra, porque não hão de ser pelo seus nomes chamados? Digo delas para eles e outro tanto.

Os parentes, se se casam, costumam chamar-se pelos graus do seu parentesco, as mulheres aos maridos, e os maridos ás mulheres. Eu sou

amigo da verdade; e antes aconselhava a cada um que dissesse "minha mulher", e "meu marido", não "minha prima", nem "minha sobrinha", nem "meu tio", nem "meu primo". Todavia não é costume condenável, se o não fosse com tal excesso que desse a ocasião, que deu outro, que de continuo nomeava a mulher pela sua prima, a que um criado seu, havendo de lhe escrever, lhe pós no sobrescrito: A senhora prima do meu senhor; porque não lhe sabia o nome.

Se ei de levar ao cabo minhas impertinências, também quero falar alguma coisa sobre o estilo de se falar entre si os casados. O "Tu" é Castelhano; e por mais que eles o achem carinhoso, como lá dizem, é palavra muito de praça, e que aos restantes não deve de quebrar a menagem do quarto para fora. O "Vós" é Francês, que com um "Vu", receberiam a mesma Rainha Sabá, se cá voltasse. Tenho-o por demasiado vulgar. O "Ele", e "Ela", um "Ouve senhor", "Que diz senhora", é termo bem Português, assaz honesto, e bem soante. As "Senhorias", e "Excelências", a quem pertence gravidade induzem; mas parece um certo modo de esquivança tratar um homem a sua mulher como que se o não fosse. Fique-se esses termos para os Príncipes e Reis as Altezas, e Majestades; e proíbam-se-lhe também aqueles afagos humanos entre os mais afetos que lhes não podem ser comuns. Já dizia D. João o Segundo, que por só três dias folgara de poder ser homem.

Tratem-se, a meu pedido, os nossos casados com aquele modo que a melhor companhia faça guardar o amor e a estimação; que é uma excelente conserva para a vida dos honrados.

* * *

Ora muito há que não digo nada sobre as casadas, ás quais tenho ainda para aconselhar sobre uma ação não inútil, mas antes de grande conveniência.

Há muitas, que mergulham em desgostos, tomando para si o castigo de não saírem dessa letargia - coisa totalmente indigna, como injusta. Umas, por serem mal casadas, desmancham-se em si mesmo em tristeza e desfiguram-se, vindo a ser pior mal casadas. Aquelas a quem lhes morrem os filhos ou aquelas a quem lhes não nascem, vivem não somente desconsoladas no ânimo, mas dão-no a entender no trajo e no rosto; de que os maridos prudentes, e que mais as estimam, se entristecem, e vivem afligidos; e os de leve condição tomam motivo para procederem mais levemente, achando fácil a desculpa, que não tem, no esquisito modo das

mulheres. Nascem desta desordem outras maiores, em grande ofensa da paz; porque geralmente os homens não são da condição de um meu amigo, que dizia a sua mulher num tal caso: "Senhora desenganai-vos, que por mais que me façais, nem vos hei de querer mal, nem me haveis de parecer mal."

Deve-se à fé e igualdade no Matrimonio contraída, grande satisfação; e assim como entre os bem casados é digno de muita dor, faltar a algum deles a vida; assim é digno de muito sentimento faltar a alegria de algum. Já deixo dito que as almas dos casados devem ser comuns; os seus gostos, e pesares. Não haja parte que se queira levantar com a parte alheia. Nenhum chore, nem se alegre, mais do que pode tocar de afeto à sua metade.

Pois a propósito destas que de tristes se desconcertam, farei recordar outras que igualmente são repreensíveis, por serem muito alegres, concertarem-se mais do que o necessário.

Já disse acerca das vestes e adornos; e não sei se de nojo, ira, ou esquecimento tardei até agora em falar de umas que põe pinturas no rosto.

A mulher que pinta o rosto, põe nele a sua injuria, e tira dele a sua vergonha; não beleza nem juventude põem por certo: porque não só ofende o siso, mas os anos e o parecer. Todos entendem logo que pouco se fia em si

aquela que de tão baixas coisas se ajuda. Sempre se teve por cobarde o que muito se armava. Quantas, em vez de agradarem aos que as vem, por essa própria diligência escandalizam, e vão como convidando o riso e a mofa da gente que pretendiam admirar, e afeiçoar pode ser!

Este abuso é digno de que o marido, logo que o conhecer, o atalhe por todos os meios; porque a idade não o emenda, antes o acrescenta. Tenho por certo que tão ruim conta dá do seu juízo o marido que sofre com as pinturas da sua mulher, como dá do seu entendimento a mulher que as usa.

Havia uma que convidava o seu marido para que se sentasse junto dela; e ele dizia: "Deixai-me, que fico doente com tais ensejos de botica. (*)"

[(*) "botica": produto do boticário - loja onde se vendia produtos de higiene, saúde e cuidados de beleza.]

Outro dizia a uma sua parente, que com muitos anos sobre si, trabalhava para os não deixar parecer: "Se a minha tia não quer parecer velha, não se desperdice em enganos" E na verdade assim é, porque a graça da mocidade não se alcança pelas pinturas, e estas apenas fazem perder a seriedade e honradez da velhice.

Os rostos desfiguram-se com os martírios que neles fazem os unguentos; e as pobres são escravas da sua presunção. A que aludia um discreto, dizendo a outra tal: "Muito ruim cativeiro dá aquela senhora ao seu rosto." Mas com muito mais graça que todos o disse (como sempre) o Cardeal Capata, que, visitando uma senhora Romana de maior idade, e muito dada a este mau costume, como ela lhe perguntou que noticias havia em Itália, e ele a viu de rosto tão maltratado pela força das pinturas, dizem que lhe respondeu: *"Ilustrissima senora, muito malas nuevas tenemos; porque, segun las cosas corren, io estoi viendo Soliman apoderado de Civitavieja*." (Ilustríssima senhora, muitas más noticias temos, porque segundo as coisas correm, estou a ver Solimão a apoderar-se de Civiravieja) (*)

[(*) Solimão, o Magnifico, foi um sultão do Império Otomano, cujo centro é a atual Turquia, e que reinou durante 1520 e 1566. Foi um grande conquistador, tendo por diversas vezes tentado apoderar-se de terras e cidades europeias da região do Mediterrâneo. A corte do vaticano em Roma - na altura ainda uma cidade estado - era a sua maior inimiga. Civiravieja, hoje abarcada pela cidade de Roma, que se expandiu, era uma pequena povoação localizada junto às fronteiras da cidade Roma da altura. Para perceber a piada deste Bispo é preciso ter em conta que esta obra foi escrita em 1650 - praticamente cem anos depois das ameaças de invasão de Solimão. Se Solimão se estivesse apoderado de Civiravieja, era uma noticia desastrosa pois queria dizer que estava ás portas de Roma. O Bispo ao dizer tal coisa, perante a visão da senhora pintada, está a querer dizer que o rosto da mulher é como uma antiguidade desastrosa.]

* * *

E porque, escrevendo eu a vossa senhoria e regulando estes conselhos, segundo as pessoas do seu porte, das quais costumam sair sempre (pelo menos deviam sempre sair) as que ocupam grandes lugares na paz e na guerra; não será sem fruto deixar advertido a todas as mulheres, que chegarem a ser mulheres de ministros, e pessoas que tem à sua conta os negócios públicos, alguma coisa tocante à conservação desse estado.

Dão muitas destas senhoras mulheres de ministros, grande risco aos seus maridos e casas, em quererem ser elas ministras também como eles. A três pontos se reduzem estes inconvenientes: Interceder pelos que pretendem, negociar com os despachados, revelar segredos aos negociantes.

Não sei qual é o pior. Afirmo que tudo é péssimo para a opinião dos ministros, cujas mulheres se deixam levar pelo aplauso, interesse e ambição.

Tenho em meu poder a cópia de uma carta de Carlos Quinto para D. Felipe, seu filho, quando numa das suas jornadas deixou-o a governar, e na qual instruía-o sobre os sujeitos que lhe dava por ministros; e chegando a

um, de quem não tinha toda a satisfação, diz estas palavras: “*Fulano era el mejor de todos, si fuera eunuco; porque la muger deshace en aquel hombre las mejores partes que é visto*.” (Este fulano seria o melhor de todos, se fosse eunuco(*); porque a mulher desgraça-o nas melhores partes em que é visto.)

[(*) Eunucos eram os escravos dos sultões encarregues de guardar as várias mulheres do sultão (a tal grupo chama-se harém). Para impedir que estes caíssem na tentação de ter relações sexuais com elas, era-lhes retirado os testículos de modo a não terem, nem ereções, nem desejo sexual.]

Nas mulheres de ministros de justiça é mais perigoso este costume. Mas porque os de estado são pessoas maiores; quando neles se acha este defeito, é mais notável; ou quiçá que o não é tanto nos primeiros, por ser mais comum. Ao que aludia um cortesão, que, pegando-se o fogo em casa de um ministro de justiça pouco escrupuloso, ia dizendo pelo caminho: "Acudamos, senhores, à nossa fazenda, que nos arde."

Queixava-se um requerente a outro de que um seu juiz, sendo pobre, gastava como sendo rico; e nomeando as suas ostentações, rematava com o dizer: "Pois isto senhor de onde vem o dinheiro?" E outro lhe respondia: "Do que entra." Tornava o queixoso, e dizia: "Senhor, não fizeram isso os

nossos antepassados"; e outro respondia: "Não senhor, mas fazem-no os nossos presentes."

Costumam as mulheres de alguns ministros, pela própria razão que se houvessem de abster, e ajudar com grande tento a levar aquela carga aos seus maridos, ocasionar-lhe o seu precipício, carregando-os de novo com as suas desordens, e vindo depois com eles a cair na terra.

Deve o marido começar por si mesmo no cuidado que é bem que tenha da sua conservação. É pois certo que ao próprio sangue, em que a nossa vida consiste, cortamos as veias se este se corrompe, para que não apodreça o outro que nos fica;(*) quanto mais se deve sangrar a ambição, ou interesse, se na mulher for conhecido? Que em breve tempo ameaça corrução à saúde do corpo, e da família: morte da casa, do ofício, e da conveniência.

[(*) Este analogia tem a ver com uma prática médica da altura conhecida como Sangria. Acreditava-se naquele tempo que as doenças tinham origem na corrupção do próprio sangue e que para curar um paciente era preciso deitar fora o sangue mau para que permitir que o corpo se curasse. Isto, claro, era desastroso, pois, apenas enfraquecia um doente ainda mais do que já estava, resultando na sua morte.]

Confesso que é licito à senhora mandar fazer sua encomenda, fazer ao marido esta e aquela lembrança por um ou por outro pretendente, e ainda

favorecer a algum que o merece, dando-lhe uns apoios no seu negócio, com que lhe pudesse dar remédio. Mas como estas coisas sejam da sua natureza perigosas, poucas vezes acontece que nelas se obre somente o lícito. Contentara-me com que a pena do desconcerto se ficasse apenas com o autor dele; mas não é assim; antes, da inconsideração da mulher é o marido sempre (sem ser o fiador) o principal pagador.

Havia em Castela um ministro dos que vou dizendo; era pouco limpo, ainda que muito asseado; negociava a sua mulher, e ganhava sempre; dizia ele então, gabando-lhe a prática para o negócio: "*Muchas gracias a la industria de Dona Clara*". E o certo era, que a indústria era clara com que D. Clara se aproveitava da sua indústria.

Passando para as Índias um mercador, foi-lhe dada certa encomenda da mulher de um ministro; e acertou o pobre de se perder, e perdê-la, com todo o seu cabedal. Voltou a Espanha, e à Corte; e não lhe sendo recebida em desconto a perda, houve tal violência no caso, que lhe fizeram pagar aquela encomenda com ganhos e cabedais, como que não pudesse ser perdida como as outras. Voltou a Sevilha, e topando a outro mercador seu amigo, lhe perguntou aonde ia, e tendo-lhe dito que à Igreja maior asseguram-se com Deus, e com os homens de negócio, certa grande partida de fazenda que esperava de fora, então disse-lhe o queixoso: "*Andad, senor, i no hagais*

tal; mejor es encomendarla a mim senora Dona fulana, que toda la saca a Puerto de Salvacion.”

* * *

Mas porque falei mais atrás acerca dos segredos que as mulheres costumam revelar dos ofícios dos seus maridos; a propósito virá agora tratar desta matéria, assaz essencial para o descanso do matrimónio.

Vi, senhor N. e ouvi já grandes disputas (e tive já boa parte nelas) sobre se se deve dizer à mulher, ou não, tudo o que se sabe. Eu, que fui sempre amigo de ver amar com singeleza, muito tempo tive para mim, que a mulher honrada havia de ser uma boceta (pequena caixa), em que se guardassem os secretos mais íntimos do seu marido; e que esse era dos maiores bens do casamento - achar um homem na mulher um coração fiel, com quem poder repartir os pensamentos, as preocupações e as ânsias, que ás vezes não cabem no coração do homem, com a mesma confiança como se não saíssem

do seu coração e mente; e que tudo o contrário era um amar fraudulentamente.

Isto era o que eu pensava; mas não é isto o que hoje creio, nem o que aconselharei aos meus amigos. Antes me tem mostrado a experiência, e maior observação, que alcancei com os maiores anos, e com os novos casos, que contra esse mesmo amor e legalidade, que à mulher própria se deve, irá aquele que lhe fiar segredos e paixões à sua capacidade aventejados.

Parece-me a mim agora isto como quem por meada grande em dobadoura pequena, que em lhe puxando pelo fio, trás o fio a meada, e a dobadoura, tudo a terra.

Senhor meu, se carregarmos uma caravela com o lastro de um galeão, iremos levá-la ao fundo. Os segredos que se fizeram para os grandes corações, fiquem-se neles. E traga-se sempre presente aquele notável ditado do outro: "Nunca me arrependi do que não disse."

Porem, em tudo vou pondo dos meus unguentos; saiba-se que não julgo as mulheres de serem de todo indignas de que se lhes confie alguma matéria importante. Se tivéssemos de medir pela razão este negar ou fiar segredos, diria: Que as paixões próprias eram, e são, dignas de lhes serem comunicadas. Os pontos da honra, os mistérios do ofício, as confianças do

Rei, as resoluções da Republica, estas deve reservar o casado no seu peito indispensavelmente.

Se posso dar regras, melhor regra será esta: Pode-se dizer à mulher o que a mulher pode remediar com as suas forças, ou com o conselho; o que não pode remediar, não convém que se lhe diga. Confesso houve, e haverá no mundo mulheres de grande coração, onde fora bem empregada toda a confiança; contudo, isso são como uns dons extras que dá a natureza, quando se acha rica e sobeja; e não devemos esperar que os tenha repartido com todas.

* * *

Uma das coisas em que os casados mais necessitam de advertência é nos casamentos dos filhos.

V. M. ainda está longe; porém, como só falámos nisto uma só vez, não será justo que, tendo-me lembrado de tanta impertinência, me esqueça de uma coisa tão importante.

Anda uma prática entre os homens, que afirma que o tempo para se fazer o casamento dos filhos é quando houver melhor ocasião. Esta regra, a meu ver, é bem falível; porque, dado que haja boa ocasião para casar, e má disposição para casar, em tal caso o acerto seria duvidoso; e a maioria das vezes não seria. Deve-se entender isso da ocasião depois da disposição, e quando a vontade dos filhos estiver conforme para receber esse estado. Porque ainda que das conveniências dele se podia esperar que o proveito trouxesse o gosto; todavia a vontade, que é nesta demanda o autor ou réu, raras vezes se governa por essas regras; e de casamentos sem vontade não há que esperar contentamento.

Seja livre a eleição do estado dos filhos; mas de tal sorte livre, que os seus pais os estejam sempre a inclinar aquele que lhes convém. Sejam nisso seus conselheiros, não seus senhores.

Mas nas filhas isso é grandíssimo perigo; porque havendo trazido a vaidade humana umas leis (certo tiranas) contra a honra, partes, e virtude, e só em favor do interesse; sucede ser comum que nas casas ilustres e grandes, onde há muitas filhas, apenas pode haver dote com que casar uma como convém. Ficam logo as outras condenadas a perderem por força a liberdade, e haverem de tomar estado que não desejam, e violentissimamente sofrem.

A solução deste dano quase não tem remédio: porque seria necessário emendar primeiro toda a república e os maus costumes dela. Se nos tivéssemos de governar por exemplos passados, vimos que muitos grandes homens, achando-se ricos de filhas, fizeram-se maiores nas descendências, e a elas não violentaram. Recolheram na Religião as que a pediam; casaram as que o desejavam. Neste caso, parece que o pai de muitas filhas se pode contentar não abaixando, sem que procure subir: que mais claramente é dizer-lhe, poderia casar as suas filhas com pessoas que lhas pedissem para se honrar com tais mulheres; e não querendo, achar para genros homens com que se honrasse. Basta que se não desonrasse com eles. Isto não é sempre, nem para todos; nem lhes nego a todos que procurem o melhor; mas desejo que se acomodem com o possível. Guardaram esta matéria de estado muito notáveis pessoas deste Reino, que pudera nomear, se não fora aqui escandalosa a comparação: memória de algumas desigualdades, que depois igualou o tempo, e a fortuna.

A valia dos Príncipes, a grande riqueza, o valor notável da pessoa nas armas, ou nas letras, quando seja acompanhado de limpeza de sangue, realçam as qualidades dos homens de sorte que os fazem merecedores de se poderem aparentar com os maiores; e a estes dão confiança para se deixarem aparentar com eles.

Dizia um grande Senhor em duas palavras tudo o que sobre isto há dizer: Que com os seus filhos haviam de ir rogar os seus pais, para serem bem casados; e para as suas filhas haviam de ser rogados, para serem bem casadas. E outro, não menos entendido, costumava dizer: Que as boas partes eram resguardas da qualidade, que faziam crescer as pessoas de sorte que muitas vezes igualavam os pequenos com os grandes.

Falta-me aqui advertir alguma coisa a umas certas mães, e não sei se a alguns pais, que dão os seus jeitos ás filhas para que se casem; particularmente àquelas de bom frontispício (bom aspeto), largando-lhes para esse efeito um pouco a rédea do recato.

Digo de mim que sou austeríssimo nesta matéria. Se a tivesse de julgar conforme a minha natureza, não acabaria nunca de condená-la. Vemos contudo pelo contrário tantos exemplos, que parece já tirado o horror que nela acharam outros.

Fora de Espanha é tão comum esta arte (em Flandes especialmente) que os galanteios são permitidos e devidos, e chega a tanto, que os pais, e mães vem a ser os mestres das filhas, a quem aconselham como devem proceder com os seus amantes até os obrigar a que lhes sejam maridos.

De má vontade direi (mas enfim o digo) que se pode dissimular a uma filha, quando se saiba é bem vista de tal pessoa, que lhe estará bem para marido. Mas devem ser tais os modos porque esta dissimulação possa ser licita, que tenho o achá-los por impossível. Aconselhará neste caso o ânimo de cada um.

Falarei agora sobre o casar a furto, que chamamos, e contra a vontade dos pais. Isto é em duas maneiras: em ação, ou em paixão; em ação, casando o filho; em paixão, sendo a filha casada.

Ao homem que o seu filho se casasse bem, ainda que contra vontade dos seus pais da mulher com que casasse, aconselharia que o sofresse, que de secreto o ajudasse, e se não desse por contente nem descontente da ação de aquele filho. Receitaria neste caso uma ausência, que é coisa utilíssima para negar ao juízo público a tristeza ou alegria, quando delas não convém testemunho. E se fosse antes do sucesso, seria maior prudência.

Ao homem que a sua filha lhe fosse levada para casar com o filho alheio, se assim fosse que nisso não perdesse, aconselharia que se fosse após dela, e se vencesse no pesar que lhe daria essa desobediência; que nos mais é teima e raiva, e nos menos verdadeira dor.

Destas abominações entre os pais dos que assim se casam, nascem geralmente inimizades, brigas, contendas; e ainda mais comum públicos ditos, remoques, e desonras; desenterram-se avós, publica-se o que se não sabia, vão os escândalos de monte a monte; então no cabo de todos seus defeitos, verdadeiros ou mentirosos, vindos à praça.

O casar bem dos filhos pode absolve-los da culpa de ser a desgosto dos pais; que obrigados eram a ter gosto do aumento dos filhos.

Finalmente o modo sempre era bem que fora bom; mas lá diz um refrão castelhano: "*Hagase el milagro, hagalo el diablo*".

O casar mal e a desgosto dos pais, é o último desconcerto, e o que mais vezes se vê. Tem só o remédio na preservação; porque para o erro não há remédio. Advirtam-se assim os pais de darem com tempo estado aos filhos; e pelo menos, quando não possa ser com a brevidade que se deseja, mostrem-lhes que disso se trata. Com esta esperança os entretenham.

Acontece haver homens, que por se gozarem da sua casa inteira, ouvem mal, e respondem pior aos casamentos dos filhos; e não poucas mulheres há, que por não verem a nora enfeitada junto a si, ou a filha descoberta, e próximo o perigo de serem avós antes de tempo, enxotam de casa as boas ocasiões das bodas dos filhos, que dão em ser tão melindrosas e desconfiadas, que poucas vezes volta, onde uma vez as desprezaram. Vele-

se de tão indignos defeitos o marido sisudo, e a mulher honrada Queiram para os filhos, quando sejam pais, aquilo que, quando eram filhos, quiseram para si.

Queixava-se uma senhora viúva da grande amizade que tinha um seu filho com certo fidalgo, em que a ela parecia não ganhava ele muito e de que recebia desgosto. Entrou-lhe por casa um criado pedindo-lhe uma recompensa em nome do seu senhor; e perguntando-lhe pelo quê? Respondeu ele: "Porque o meu senhor quebrou a amizade do seu filho com tal fulano, casando-o com uma filha dele."

* * *

Não é pouco, nem pouco prolixo, o que tenho discursado. Cada ponto quis eu que fosse o último; mas com licença de vossa senhoria não me haverei de acabar esta carta sem falar em sogros e sogras, noras e genros, cunhados e cunhadas.

Julgo que é tamanha a dívida que se tem aos sogros, e estes aos genros, uns a outros os cunhados, tanto o amor que se deve a pessoas tão conjuntas, que porque se não pode pagar, converte-se em aborrecimento.

Certo que já me pus a filosofar comigo, somente, sobre a causa desta desavença; e outra não posso achar, salvo aquela que em outra diferente causa deu o mestre dos políticos, dizendo: Que aos homens importantes são agradáveis as obrigações, enquanto as podem pagar; mas quanto mais crescem, ainda em vez de amor, causam ódio.

Como não me encarreguei de dar a razão, só procurarei dar a solução para que nunca tal abuso se pratique.

Diga-me vossa senhoria Se um homem lavrasse com grandes despesas uma quinta, durasse nesta obra muitos anos, gastasse nela o seu tempo e a sua riqueza, lhe saísse em tudo perfeita, e logo, ela acabada, se alguém fosse a casa de vossa senhoria e àquela propriedade lhe vinculasse outras, e de tudo o metesse de posse, que faria vossa senhoria? Que digo eu vossa senhoria? Que faria a mais ingrata pessoa do mundo, senão venerar, amar, regalar, e servir àquele homem, confessar-se como seu escravo, pelo seu devedor, pelo seu perpétuo amigo?

Pois que faz menos, ou que não merece mais, aquele que cria por tantos anos a filha, a doutrina, guarda, e aperfeiçoa; e depois repartindo com ela os

seus bens, e entregando a metade da sua alma, mete todo este tesouro na mão a outro homem, a quem por ventura antes nada devia?

Trarei para exemplo de bons sogros o que sucedeu quase entre nós, e quase nos nossos tempos. E foi, que tendo um homem rico casado uma sua filha com um fidalgo honrado, e querendo casar outra com outro, em nada mais importante que o primeiro; este segundo não quis fazer o casamento sem que lhe desse em dote mais dez mil cruzados do que ao outro havia dado; e como o sogro dissesse que teria grande causa de queixa o primeiro genro, dando ele mais ao segundo, não lhe valia essa razão para efetuar o casamento. No entanto acabou por convir nele e efetua-lo, com tal galantaria e primor, que no próprio dia que assinou as escrituras ao segundo genro, mandou outros dez mil cruzados ao primeiro, dizendo-lhe, que não queria que tivesse alguém que pensasse que o estimava menos.

Por certo que não vi, nem ouvi, coisa mais galante, e honrada. E porque se veja que também há genros que o sabem ser como devem, contarei a vossa senhoria outro caso que bem o prova.

Havia, não há muitos anos, em certo lugar uma pessoa riquíssima, com uma só filha herdeira para casar; afeiçoou-se a sua mãe a um seu conterrâneo de boa qualidade - mas não de muita riqueza - e mandou-lhe

dizer que estava tão satisfeita com a sua pessoa que lhe queria dar as duas melhores peças que tinha na sua casa; tais eram: a sua filha por mulher, e com ela tudo quanto tinha. Respondeu-lhe o genro, que não seria lógico que a mãe que ele tanto gostava e a quem ele devia tanto, se despojasse de todos os seus bens numa só hora; receberia a rapariga por esposa, claro, mas com a condição de que a mãe não lhe havia de dar mais do que metade do que ela lhe prometia.

Bem vejo que estes exemplos são muito bons para estórias, mas não são tais para praticados; e disso mesmo é a minha queixa. Enfim eu satisfaço a minha obrigação, mostrando como não é impossível esta devida amizade. Malditos sejam os interesses! Que eles tem a culpa de que ela não prevaleça; porque geralmente acontece que aqueles queixumes de sogros e genros, tudo funda em: "sim, deu-me," "não, não me deu". Grande descanso viera ao mundo, se todos nos contentáramos com o possível; mas isto é querer um outro mundo.

Já ouvi murmurar, e não tenho a certeza se eu murmurei também, de alguns que casando se afastam dos amigos que tinham antes, e de todo se entregam aos parentes das suas mulheres. Isto é condenável; e isto vê-se mais certamente naqueles que a elas cegamente se entregam.

Andava um noivo sempre entre dois cunhados seus, que nem ele largava, nem eles o largavam. Passava ás vezes por um seu amigo do tempo de solteiro a quem tratava com estranheza. Este, queixoso, disse-lhe um dia: "Dá-me pena, senhor fulano, que a senhora D. fulana tenha tão pouca confiança da fé de vossa senhoria que o não deixe andar pela cidade sem familiares."

Também não será razão que nos passe por alto a prática de um acidente, não poucas vezes sucedido entre casados; como uns descontentamentos ou arrufos, que passam com nome de escândalos entre a mulher e os seus parentes, agora também do marido.

Tudo isto costuma proceder de leves causas. E como geralmente as vinganças das mulheres não são grandes, por isso são mais as queixas que dão causa a desconfianças, e ruins vontades, com grande cargo do primor, e ás vezes da consciência; porque debaixo de um "eu sou sua amiga", está enroscado um ódio como uma serpente.

Há homens que tem por grande siso o não terem parte nestas contendas. Tal não aprovo; porque, além de que ao marido, pela sua dignidade, toca a justificação das ações da sua mulher, ou a emenda, também lhe pertence a

direção delas; e mais nas suas amizades ou inimizades, tal como ao Rei pertence a guerra ou paz feita pelo seu vassalo.

Não pense que nos casos miúdos (que são a maioria), pouco há a conter, porque, senhor N., aí há um desconcertar de braço ou pé, com que é força acudir ao Algebrista e outro que quanto mais bolem com ele mais o desmancham. É carne quebrada, que ela por si mesmo solda quando lhe parece.

Quando a dúvida passa muito adiante entre a mulher e os seus parentes e parentas, e passa a ser pública e escandalosa, ou assim o ameaça ser; obrigado está o marido a interpor-se no meio e acordar tudo.

Isto faz-se melhor, tratando-se com o próprio marido da parenta (se o tem) se já foi ofendida ou agressora. E ainda que seja levantando um par de testemunhos a ambas as agravadas, e dizendo a cada uma que a outra a roga (coisa de que elas muito se satisfazem) é conveniente acomoda-las e fazê-las amigas.

Mulheres há, e não poucas, que nisto são tenazes e duríssimas de reduzir dos seus pontos ou caprichos. Sem embargo, razão é que os maridos as encaminhem à razão, e lhes façam ver que elas é bem que sigam o parecer deles; pois à conta deles está a honra e o crédito delas.

Quando, feitas a diligências prudentes e necessárias, estas não bastam, tão pouco serei de opinião que um homem fique de mal com a sua mulher porque ela não está bem com a outra.

* * *

Ora, senhor N. quando comecei a escrever a vossa senhoria foi com ânimo de não passar de uma carta; e acho-me agora com um processo escrito. Eu, pela minha natureza, sou miúdo e perfeccionista; o estar só, e a melancolia, que de si é cuidadosa, fizeram-me armar tão largas redes para colher dentro delas todos os casos e todos os avisos. Praza a Deus que o havei cansado de balde; como seria, se no cabo de vossa senhoria haver ouvido muito, e de eu ter dito muito, de aqui não tirássemos algum proveito.

Rematarei com as generalidades que, ao meu parecer, avultam bem a grandeza das casas: isto como conclusão do muito que nestes pontos havia que dizer.

Bem vejo eu que se chegar a ser lido por alguma casada, ou casado (e mais ainda dos que estiverem para o ser) acharam medonho este caminho, por onde pretendo guia-los à prometida casa do descanso. Porque dirão eles o estão vendo cheio de abrolhos e cautelas, que apenas parece poderá passa-lo a consideração, quanto mais a obra.

Direi a todos, que nesta Carta sucede o que nas sucede nas cartas de marear, que quem as vir assim cruzadas de linhas, e riscos, que se comem uns aos outros, parece que de tal confusão não pode haver quem se desempece; e na verdade não é assim; porque aquelas linhas todas são umas próprias, e apenas passam de quatro principais; mas para fazer mais fácil o nosso uso, multiplicam-se.

Quem com bom juízo considerar estas regras de coisas, as verá tão semelhantes, atadas e dependentes umas de outras, que não lhe pareceram muitas, mas uma só. É porque, como vemos, a corda de poucos fios quebra-se facilmente se com ela apertam muito, por isso é necessário tecer e torcer de muitos avisos e remédios esta corda, de que está pendurada a honra, a vida e a salvação dos casados; para que com as forças do vício não se rompa. E como todas elas costumam quebrar pelo mais fraco, e esta fraqueza é própria da mulher; por essa mesma razão convém fortificá-la de

tal maneira, com tanta cautela e arte, que por mais que tire a ocasião, sempre se conserve sã e inteira.

Mas se contudo parecer ás mulheres excessivamente rigorosa esta minha doutrina; certifico-lhes que o meu objetivo não foi esse, senão encaminhar tudo à sua estimação, regalo e serviço.

E porque assim se veja mais certamente, haja quem queira de mim outra Carta para as casadas; e então se verá quão bem irei advogar pela sua parte, quando pelo que aos maridos deixo dito as mulheres não se deem por satisfeitas.

Resumindo meu Senhor: Casa limpa. Mesa asseada. Prato honesto. Servir quedo. Criados bons. Um que os mande. Paga certa. Escravos poucos. Coche a ponto. Cavalo gordo. Prata muita. Ouro o menos. Joias que se não peçam. Dinheiro o que se possa. Alfaias todas. Armações muitas. Pinturas as melhores. Livros alguns. Armas que não faltem. Casas próprias. Quinta pequena. Missa em casa. Esmola sempre. Poucos vizinhos. Filhos sem mimo. Ordem em tudo. Mulher honrada. Marido Cristão; é boa vida e boa morte.

Torre velha, em 5 de Março 1650.

D. Francisco Manuel.